CARTAS DE UMA MENINA PRESA

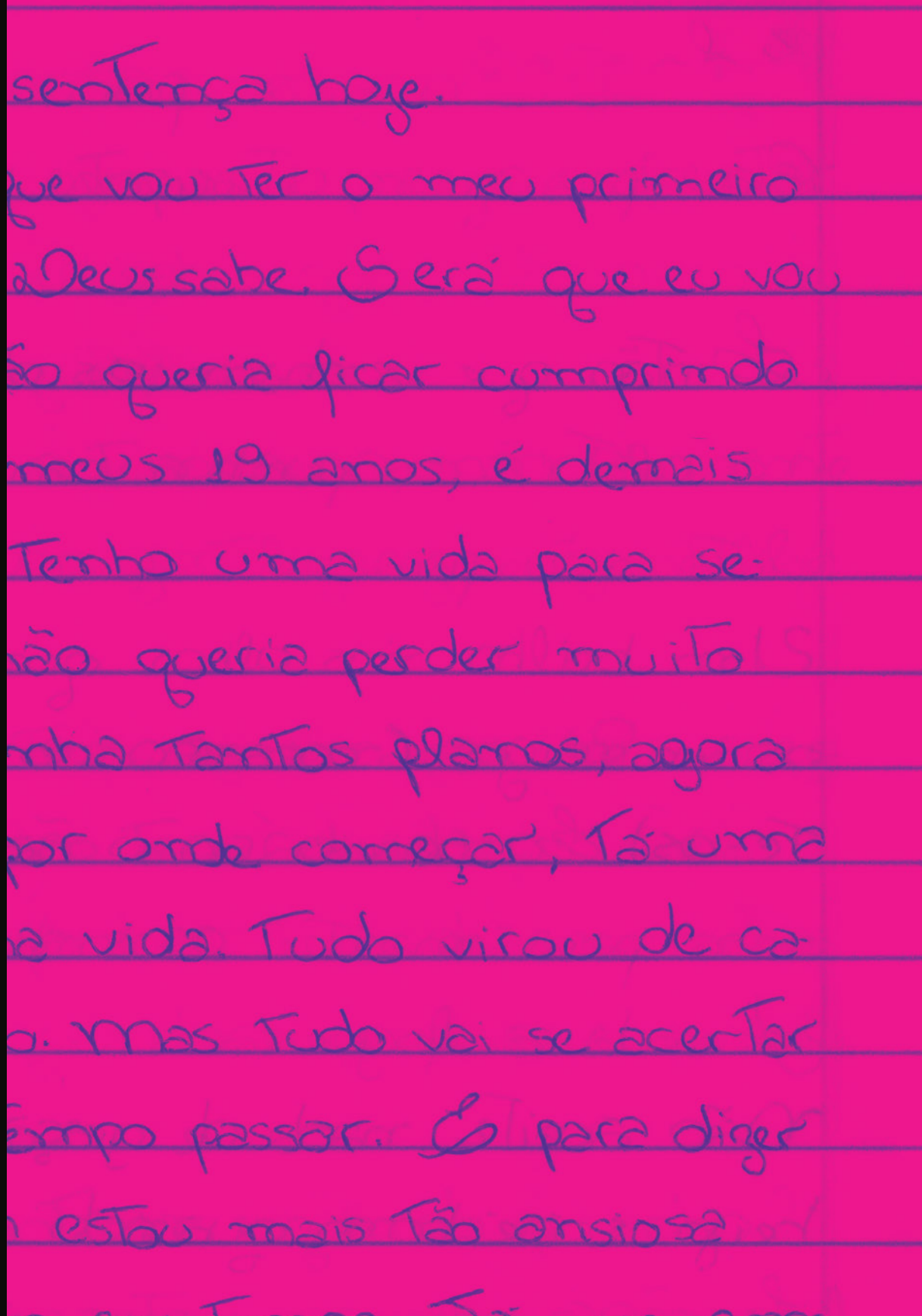
Debora Diniz
Talia

Eu li essas cartas antes de serem livro. Eu as ouvi enquanto eram escritas. Vivi no mesmo barraco de Talia, quem para mim tem outro nome. Ela tem rosto, voz e cheiro. Leio essas cartas com saudade de quem não mais vejo. É estranho ter saudade daquele tempo, mas ao menos ali eu a tinha ao meu lado.

Essas cartas falam de uma vida interna e uma vida externa. Não há nada de espiritual no que sinto, é mais concreto: uma vida ora cercada por um muro, ora liberta. Aqui trago a expressão de liberdade para Talia, ela não está no fora, mas de certa forma posso dizer que ela também não está lá dentro, pois os muros não impedem que suas palavras sejam livres e que me alcancem. Espero que também alcance as pessoas que lerem este livro.

Por um lado, as regras do mundo, por outro, as regras da cadeia. Ambas foram impostas a ela, a mim e a tantas outras que por ali passam. Todas me parecem como imposições, refletidas em suas histórias e nas cartas deste livro. Vi Talia criar sua própria regra, a regra da liberdade de quem escreve, conta e ouve. Viver com ela me ensinou que encontros e afetos também acontecem nos escondidos entre aqueles muros, onde se acredita não existirem tais sentimentos humanos. Mas existiu entre Talia e Debora.

Ali dentro, a escrita se faz necessária para permanecer viva para o mundo, para


sentença hoje.
que vou ter o meu primeiro
a Deus sabe. Será que eu vou
ão queria ficar cumprindo
meus 19 anos, é demais
Tenho uma vida para se-
não queria perder muito
nha tantos planos, agora
por onde começar, tá uma
a vida. Tudo virou de ca-
a. Mas tudo vai se acertar
empo passar. E para dizer
estou mais tão ansiosa

CARTAS DE UMA MENINA PRESA

Debora Diniz
Talia

Tiragem: 1ª Edição – 2018
1000 exemplares
Impresso no Brasil
Distribuição gratuita

Editoras Responsáveis
Debora Diniz
Malu Fontes

Conselho Editorial
Cristiano Guedes
Florencia Luna
Maria Casado
Marcelo Medeiros
Marilena Corrêa
Paulo Leivas
Roger Raupp Rios
Sérgio Rego

Equipe Editorial
LetrasLivres

Coordenação editorial
Luciana Brito

Revisão
Bruna Soares Pinheiro

Capa e ilustração
Valentina Fraiz

Design gráfico
Guilherme Werner

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecário Responsável: Illy Guimarães B. Batista (CRB/DF 2498)

Diniz, Debora.
Cartas de uma menina presa / Debora Diniz, Talia. – Brasília : LetrasLivres, 2018.
105 p.
ISBN 978-85-98070-50-6 (Impresso); ISBN 978-85-98070-51-3 (PDF)
1. Medida socioeducativa de internação – correspondência - Santa Maria (DF). 2. Adolescente em conflito com a lei – correspondência - Santa Maria (DF). 3. Gênero – aspectos sociais. 4. Brasil. Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). 5. Unidade de Internação de Santa Maria (UISM) – Distrito Federal. I. Título.

CDD 346.810135
CDU 343.224.1 (817.4)

CARTAS DE UMA MENINA PRESA

Debora Diniz
Talia

“Cadeia é o lugar onde a filha chora e a mãe não vê”

Menina anônima
Unidade Socioeducativa de Internação
Santa Maria, Distrito Federal

SUMÁRIO

TALIA | DEBORA

1 **1** | o diário | a menina

5 **2** | o dia | o toque

9 **3** | a fuga | o livro

13 **4** | a solidão | o vexame

18 **5** | a leitura | a chegada

22 **6** | o corre | a tolice

26 **7** | a caneta | a lua

30 **8** | a roupa | o uniforme

34 **9** | a beleza | o erro

38 **10** | a medida | a disciplina

42 **11** | a maldade | o mandamento

46 **12** | a firma | o esparro

49 **13** | a fiel | a pikena

53 | **14** | a cicatriz | o grito

56 | **15** | a recém-chegada | a lenda

59 | **16** | a comida | a humildade

62 | **17** | a tortura | os direitos humanos

66 | **18** | o túnel | a escolha

71 | **19** | o medo | a polícia

76 | **20** | o ciclo | a peba

79 | **21** | o calendário | o relatório

83 | **22** | o benefício | a fotografia

87 | **23** | a mente | o suicídio

90 | **24** | a euforia | a vida comum

94 | **25** | confissões

98 | palavra de menina

Talia

Me chame de Talia, a filha de Zeus. Escolhi esse nome porque adoro mitologia grega. Não tem muitas meninas aqui na internação, e quase todas me conhecem. Eu não quero ser reconhecida, eu só quero ser ouvida. Essa é a minha voz. Uma voz de menor infratora.

Debora

Nunca pensei em cartas na cadeia de papel, mas você vive em um lugar onde se escreve até nas paredes. "Cadeia de papel" é a unidade socioeducativa de internação para adolescentes em conflito com a lei, isso que você chamou de menor infratora. Me chame de Debora.

O livro

As cartas são os originais trocados na cadeia de papel. Não houve alteração de estilo ou conteúdo para este livro. Ao final, há um dicionário para o vocabulário das meninas.

|1| diário | a menina

Será que se eu fizer um diário aqui dentro o tempo vai passar mais rápido? Nele, escreveria tudo o que penso. Tudo aquilo que me incomoda ou me faz bem. Algo que me incomoda: por que somos tão preconceituosas? Será que isso é da natureza do ser humano? Às vezes, nem conhecemos a pessoa, mas já criamos uma personalidade dela em nossa cabeça, pelo modo como ela se veste ou até mesmo pelo jeito de falar. Eu já fiz isso muitas vezes. Julguei pessoas boas sem conhecê-las. E hoje em dia quem é julgada sou eu.

Se pudesse, eu voltaria no tempo e não teria cometido esses erros, pois sei o quanto dói ser comparada a algo que você não é, por pessoas que não te conhecem direito, ou seja, ser julgada. Mas o pior de tudo é que eu não tiro a razão dessas pessoas. Elas têm motivos. Que nem você. Qual imagem você tem de uma menina que está cumprindo medida socioeducativa de internação, em outras palavras, que está presa por ser menor infratora? Bom, essa menina sou eu. E, independente de quem seja você, já deve estar passando pela sua cabeça que eu sou desobediente e sem coração, que fiz coisas muito ruins para estar aqui — resumindo, que sou perigosa.

E não tiro a sua razão. Fui desobediente e cometi crimes, por isso estou aqui. Mas o motivo que me levou a fazer isso você desconhece, e provavelmente nunca vai saber, pois não vou me justificar. Eu errei, e agora estou pagando pelo que fiz. Justo. Mas por que sou perigosa? Por estar em uma unidade de internação? Todos nós cometemos erros na vida, só que os meus erros me levaram para onde estou. Diferente dos seus. Mas só queria que as pessoas não apontassem o dedo para mim e me chamassem de monstro. Para alguém que está aqui, isso é pedir muito?

Sabe, queria poder dizer um dia que "já fiz coisas erradas, passei por um momento difícil em minha vida pagando pelo que fiz em

uma unidade de internação, mas tudo foi passado, eu aprendi muito e agora sou uma nova pessoa, disposta a construir minha vida novamente". Quem sabe, no futuro, se eu contar a minha história para as pessoas, eu consiga ajudar alguém que esteja na mesma situação que a minha? Dar uma força ou influenciar, sei lá. Porém, neste mundo preconceituoso, as pessoas vão se afastar de mim depois de me escutarem, por causa do meu passado.

Amo e choro que nem você. As portas se fecham automaticamente. Meus erros me trouxeram para onde estou, os seus não. Ninguém consegue sozinho. Eu só quero ir embora daqui. Você não me conhece, mas me julga. Amo e choro que nem você. Todos merecemos uma segunda chance. Qual imagem você tem de mim? As portas se fecham automaticamente. Infelizmente, as pessoas são preconceituosas. Ninguém consegue sozinho.

Nossa, hoje o dia foi longo. Acho que já devem ser umas dez horas da noite. Logo, logo vão desligar as luzes. Até que esse negócio de escrever os pensamentos em um diário não é uma má ideia, pois o tempo passou que eu nem vi. Vou fazer isso mais vezes. Bem, agora vou tentar dormir, pois essa é a primeira opção para o tempo passar rápido, como em um sonho, para ir embora deste lugar.

– TALIA

Desde que você começou a escrever nossas cartas em um diário, desconheço para quem escreve, se para mim ou se para outra qualquer. Você fala de algo que nunca tivemos coragem de pronunciar em vivo encontro. Que julgamento faço sobre você, seria

essa a sua pergunta? Eu sei quem você é, e não a descrevo como uma "menor infratora, perigosa e monstruosa". Prefiro "menina", e gosto muito de "menina xerifa". Não pelo encantamento pelo poder de liderança, mas pela força de sobrevivência que há em você. Seuagente gosta de dizer que há lideranças positivas e negativas na cadeia de papel. Até hoje, não sei quem é você aos olhos de quem vigia, pois já ouvi relatos de duas em uma. Há momentos em que sua liderança vira a cadeia; em outros, a xerifagem mantém o módulo calmo.

Diferente de quem julga sem conhecê-la, eu ouso dizer que a conheço. Você é uma menina que, muito miúda, fugiu de casa. Nesse tempo, era tão criança que o Conselho Tutelar a capturava e você sempre escapava. Não havia ainda isso de polícia na sua perseguição. Não sei por quê, mas a imagino escapulindo de mulheres com jeito de tia velha, ávidas por levá-la de volta para uma casa ou família que há muito não existem em sua vida. Foi nesse tempo que você conheceu Pikena, sua amiga de quebrada e parceira de cadeia. Para sua felicidade, ela é, hoje, sua companheira de barraco.

Eu folheei suas páginas do processo judicial: as passagens pela polícia são tantas que perdi a conta quando passei das duas dezenas; as idas e vindas de medidas socioeducativas, outras tantas; o tempo de castigo na cadeia de papel, longo demais para quem já vive em solidão. Esses anos intensos, dos treze aos dezesseis, me intimidaram pela ousadia. Mas eu só penso no refrão "amoechorocomovocê". Lembra-se daquela noite de lua azul, em que donagente pit bull nos deixou sozinhas no pátio falando da vida? A conversa foi tão em segredo que já esqueci o enredo, mas as lágrimas eram de gente sozinha, e essas eu não abandono, pois agora são tristeza compartilhada. Foi a primeira lua entregrades que admirei na vida.

Não gosto de sua pergunta "Mas por que sou perigosa?". É verdade, você já calçou pistola, já enfrentou polícia, já apanhou de jeito que nem homem sobrevive. Foi negociante em território de macho brabo. Você quer sair daí, mas se angustia pelo que descreve como "segunda chance". A vontade de liberdade intimida-se pelo passado — "as portas se fecham automaticamente", diz você.

Amoechorocomovocê é o seu mantra para vencer o medo e romper os cadeados de um mundo que não lhe dará boas-vindas. Não sou capaz de mudar gente preconceituosa, nempossofazernadaporvocê — esse é o meu refrão desde que aí cheguei. Mas, se sirvo para acalmar a angústia, repito o já dito: aí e cá, eu estarei com você.

– DEBORA

|2| o dia | o toque

Era um dia normal, como todos os outros que se passam aqui dentro. Eu estava deitada, imaginando o que acontecia por trás desses muros, o que minha irmã de quinze anos estava fazendo e o que eu estaria fazendo se não estivesse aqui. Entediada, virei para o outro lado, não queria mais ver o azul das grades. Sempre quando me bate essa sensação de nostalgia, eu pego um livro e vou ler, mas não tinha nenhum livro no meu quarto, e eu não estava conseguindo dormir. Virei para o outro lado. As cores frias do meu quarto estavam me deixando deprimida. Se pudesse, pintaria essas paredes de rosa, que é uma cor feminina e alegre, diferente dessa cor creme que reveste as quatro paredes do lugar que, por enquanto, é a minha moradia.

Quantas horas será que eram? É muito estranho você viver em um lugar sem relógio, sem calendário. Com o passar do tempo, você aprende a calcular as horas pelo horário das refeições que são servidas e a contar os dias por todas as vezes que o sol se põe. Mais uma vez, virei para o outro lado. Queria conversar com alguém, nem que fosse sobre política. Estava cansada de ficar sozinha, perdida em pensamentos. Eu já não tinha mais assunto para conversar com as meninas que se encontravam na mesma situação que eu, queria poder conversar com alguém diferente.

Fazia muito calor. Era impossível ficar de blusa. Meu quarto era o número 2, dos oito quartos que ocupavam o corredor do Módulo 7. Para entrar no corredor, tinha que abrir uma porta com grades. As portas dos quartos, inclusive a do corredor, faziam um grande barulho ao serem abertas. Eu escutei o barulho, devia ser uma agente entrando no corredor. Virei para o outro lado e nem prestei atenção quando uma mulher e uma agente pararam na porta do meu quarto. Quando olhei para elas, a dona agente me chamou para conhecer sua amiga. Eu levantei e percebi a cara de surpresa da mulher ao me ver sem blusa. Vesti uma camiseta e fui até a porta do meu quarto.

Do outro lado das grades, junto da agente, estava uma mulher loira, magra e delicada, que, apesar da aparência de jovem, dava para perceber que já tinha mais do que trinta anos. Ela tinha os cabelos até os ombros, lisos e de um loiro mel, quase ruivos. Seus olhos eram grandes e claros, e o seu sorriso era largo. Ela me cumprimentou, disse que era professora e escritora. Eu me apresentei e perguntei se ela tinha algum livro para me emprestar. Ela me respondeu que sim, que iria trazer um livro quando viesse da próxima vez. Eu agradeci, me despedi e voltei a me deitar.

O que aquela mulher veio fazer aqui? Provavelmente veio conhecer a unidade, deve ser uma daquelas visitantes que vêm uma vez e nunca mais voltam. Eu tinha certeza de que ela não iria me trazer o livro, mas algo nela me intrigou. Era bonita, tinha uma cara boa, acho que é mãe de família, deve ser professora de português. Fiquei pensando um pouco naquela mulher, nas nossas vidas diferentes e no que ela devia estar pensando de mim. O nome dela era Debora, e mal sabia eu, naquele momento, que nossas vidas diferentes iriam se unir. Levantei, fui tomar um banho para tentar amenizar o calor e para me preparar para a refeição, servida às cinco horas, e depois esperar o sol se pôr. E, na contagem, mais um dia se passou neste lugar.

– TALIA

Recém-chegada, minha rotina era de um plantão. Um dia a cada três, eu vestia preto e tomava notas. Não me fazia de donagente. A mulher é mais forte e inteiriça. A roupa era apenas uma forma de me misturar à multidão fora das grades. Pedi licença para conhecer a vida no m6, o módulo das recém-chegadas, por onde entram

as pebas de cadeia. Ali aprendi regras básicas, e muitas ao mesmo tempo: como se deve se comportar, falar ou se mover; disciplina, medida, relatório e processo; audiências e liberação. Diferentemente da novata, eu tomava nota do ensinado. As lições eram tão rápidas que eu pedia explicação no retorno à Monitoria, o espaço entre vidros reservado às donagentes.

Entre o aprendizado das regras e a convivência na rotina, fui aprendendo nomes e histórias das habitantes dos outros módulos. O m7 abrigava as meninas sentenciadas, as habitantes permanentes da cadeia de papel. De um jeito torto, de quem desconhece as mudanças da história e da lei, no m7 estavam as sentenciadas menores e maiores: do lado esquerdo do corredor, as menores; do direito, as maiores. Não há isso de esquecer a maldita palavra "menor" de tempos ultrapassados de políticas para a infância no Brasil: ali, menores são todas as meninas mais jovens que dezoito anos. Uma delas, pela infâmia da rua e xerifagem na cadeia, se tornava lenda em minha escuta recém-chegada.

Marquei dia, o quinto plantão depois da minha chegada, e pedi à donagente que me acompanhasse na primeira apresentação no m7. O porte da acompanhante não era por proteção, mas pela doçura com que ela me ensinava a rotina. Eu desconhecia em qual barraco encontraria a menina xerifa. Minha concentração me fez esquecer uma informação preciosa. Eu chegaria sem avisar, imaginava, a surpresa me daria alguma vantagem para o controle da cena. Precisei de tempo para entender como os sons dos cadeados servem de cartão de visitas para as habitantes: desde a primeira tranca, elas já sabiam que alguém se aproximava. Talvez pensassem que era uma ronda periódica, ou a entrega do jantar, pois ali as refeições seguem o tempo dos conventos.

O cheiro do m7 era diferente do cheiro do m6, não havia o azedo da rua, mas um excesso de detergente barato. O chão estava úmido, o corre da limpeza secava a água. Donagente pediu o rodo e seguiu a visita fazendo dele uma bengala. Rodo ou vassoura podem ser instrumento de guerra em uma cadeia virada, e minha primeira visita era ainda um teste de presença. Me fiz de sombra de donagente, imaginando como seria a menina xerifa — desenhei-a

tão grande quanto a donagente que me guiava, talvez forte e com olhos rasgados. Antecipava a apresentação e amaldiçoava a fraqueza dos livros de metodologia que não me ensinaram como chegar em uma cadeia.

A tranca do módulo desliza da esquerda para a direita, a porta escancara-se para o mesmo lado. O movimento natural de quem entra é olhar o interior do primeiro barraco à direita. Donagente anunciou, "Jovem, levante-se, visita". A menina se revirou na cama, meio desnuda, razão suficiente para medida disciplinar naquele lugar. Donagente ignorou a desfeita. A menina enrolou-se em um cobertor, o dia era quente. O cabelo era farto, desgrenhado de quem cochilava, mas cheio de vida. Ela era uma menina encantadora, as bochechas eram altas, próximas aos olhos. Aproximou-se da bocuda, o cobertor lhe oferecia ar santo, o olhar cabisbaixo me alertava que aquele era um encontro de cadeia.

"Esta é Talia", "Eu sou Debora", antecipei-me à donagente. Aquele precisava ser um encontro rápido, se os olhos dela eram baixos, os meus não poderiam piscar. Para uma presa, uma das regras de cadeia é "não caguetar"; para a visitante, é "o primeiro encontro decide o futuro". Estendi a mão pelas grades. O corpo enrolado no cobertor movimentou-se devagar, havia ensaio nos gestos, mas também surpresa. Não foi um aperto de mãos, mas um toque de dedos. Eu não podia esperar a próxima pergunta, "Eu sou professora, escrevo livros". Ela levantou os olhos, "A senhora me traz um livro para eu ler?". Aproveitei o encontro de olhares para decorar as suas sobrancelhas. Havia muita juventude.

– DEBORA

|3| a fuga | o livro

Os dias aqui dentro são iguais, exceto quando ocorre alguma eventualidade, mas é raro. Não há quase nada para fazer. A rotina faz parte desse lugar. E o tédio é insuportável. O que me ajuda a fazer os dias passarem um pouco mais rápido é a leitura. Eu leio todos os tipos de livro: história, mitologia grega, ação, suspense, espírita etc. Mas o que eu mais gosto são os romances, e os que eu não gosto de ler são os de autoajuda. Porém, o que me dão para ler, eu leio. Os livros são a minha fuga.

Neste momento, estou lendo uma carta que fala sobre o livro "Enterro celestial". Quem me emprestou e quem me escreveu a carta foi aquela professora chamada Debora. Como o mundo dá voltas. Quando eu menos esperava, ela voltou aqui com esse livro em mãos, novamente, parou na porta do meu quarto e, quando a vi, não pude conter minha surpresa. Ela me entregou o livro e disse que quando eu terminasse de ler, se quisesse, poderia fazer uma carta contando o que gostei ou não gostei do livro, que ela iria ler com todo o prazer e depois iria me responder.

Ela me intriga desde o começo. Há algo nela que a diferencia das outras mulheres que já vi neste lugar. Não sei o que é. Mas acho que é bom, pois tive uma sensação boa nas vezes que a vi. Deve ser uma intuição. Depois que vim para cá, fiquei duas vezes mais sensível em relação às pessoas e suas intenções. Acredito que isso seja coisa da minha cabeça, mas eu gostei dela. Não imaginava que, depois daquele dia, iria vê-la novamente. Mas ela cumpriu o que prometeu. Voltou e me emprestou o livro. A vida é assim, sempre arranja um jeito de nos surpreender. Os livros são a minha fuga.

Eu gostei do livro. É uma história baseada em fatos reais, de uma mulher que passou trinta anos no Tibete à procura do marido. Eu achei um verdadeiro ato de amor. Debora achou exagerado, mas corajoso, pois a mulher parou sua vida e foi para um país que não

conhecia procurar seu marido em tempos de guerra. Realmente, ela perdeu muita coisa na vida, pois chegou ainda jovem no Tibete e saiu de lá já idosa, com a comprovação de que seu marido tinha morrido. Mesmo assim, achei um lindo ato de amor. Os livros são a minha fuga.

Eu pensei nas coisas que aquela mulher passou no Tibete, e em como deve ter sido difícil para ela. Também gostei de ter recebido uma carta da Debora. É legal saber o ponto de vista de outras pessoas sobre determinado assunto. A Debora vai passar um tempo aqui, fazendo pesquisas sobre o sistema socioeducativo, e já me falou que poderemos ler muitos livros e depois escrever sobre eles. Eu gostei da ideia, fora que vai ser bom poder conversar com alguém diferente de vez em quando. Além de ter novos livros para ler. Estou ansiosa para ver qual será o próximo livro que ela vai me trazer. Espero que seja um romance.

Quero que este dia passe logo, para ser menos um dia na minha contagem para eu ir embora. Estou ficando entediada. Vou pegar outro livro para ler. Os livros são a minha fuga.

– TALIA

Eu tinha três dias para selecionar um livro. O teste do olhar foi fácil de ganhar. Meu tempo de cadeia havia oferecido treino farto. Soube que existia uma biblioteca na cadeia de papel e que Talia era frequentadora. Seuagente do livro é um homem de riso fácil e adorado pela multidão — passa o dia com carrinho de livros, entregando e trocando palavras. Não importa se o livro é literatura boa ou ordinária, a sua tese é que qualquer leitura é melhor

passatempo que a cabeça planejando fuga. A biblioteca não me ajudou a montar curadoria. Ali eu só soube de outra lenda — a xerifa era devoradora de livros: já havia lido Saramago e Kafka, odiava livros de autoajuda, se encantava com histórias de paixões impossíveis. Cresceu na minha consideração, mas esse era ainda um sentimento solitário.

Do posto de observação de donagentes, não havia informações sobre as preferências de leitura da menina, dali eu só ouvia as proezas do abusamento da chegada ou da meninice pelo cuidado de uma lagarta abandonada na cela. Ela vivia na cadeia de papel havia dois anos, e a indisciplina lhe rendera 45 dias em cela de Isolamento por pagar homicídio à donagente gerente de segurança. Era uma traficante experiente, me contavam em consenso; outras apostavam que havia homicídio escondido na história da rua. As páginas do arquivo de Talia eram feitas de histórias de gente grande, dezenas de passagens, idas e vindas entre delegacias e reformatórios. Ali decorei os seis tipos de medida socioeducativa — advertência, obrigação de reparar dano, prestação de serviço à comunidade, liberdade assistida, semiliberdade e internação.

A personagem infame só crescia em mim. O encantamento do encontro, as bochechas e o pedido de livro intrigavam o passado amaldiçoado de desgraças e malfeitos. O prazo era curto, três dias para escolher o livro e não errar nas palavras. Havia tempos eu convivia com um grupo de leitoras na rua, mulheres que leriam só mulheres do mundo. O livro da vez era "Enterro celestial", de Xinran, a chinesa que ouvia histórias pelo rádio e as contava em livro. Era um romance colorido com o exotismo de terras distantes — não havia guerra, armas ou drogas, os temas proibidos por donagentes para a novidade da troca de livros e cartas.

Pedi licença para entrar sozinha no m7. Donagente abriu tranca e me deixou na porta da bocuda da menina xerifa. Ela parecia repetir posição e modos da vez anterior — enrolada na cama, olhava a parede. Perdi uns segundos na cena, antes de ser descoberta por ela, que me olhou com mais felicidade que espanto. Não sei a razão — talvez meus anos de cadeia ou a convivência com os cães tenham aguçado meu senso de acolhimento —, mas quase ouvi,

“Bem-vinda, sente aqui”. Estendi o livro. Não houve salto da cama, nem pressa nos movimentos, minha mão atravessava a grade da bocuda, o livro estava tão distante de mim quanto meu braço podia crescer.

Ela acariciava o livro, a foto da chinesa, os ideogramas da capa. Leu a orelha, encostada na parede lateral de forma que eu quase a perdia de vista pelas grades. Dessa vez, havia uma camiseta por baixo do manto. Não suportei o silêncio. O módulo inteiro espiava o encontro da forasteira com a xerifa. Viver no primeiro barraco é sinal de vigilância permanente da Monitoria, detalhe que aprendi na visita anterior. Pus-me a falar, expliquei quem era Xinran, o grupo de leitoras da universidade, qual seria a ideia da troca de livros. Odiei-me, comportava-me como a professorinha que tudo sabe, apossava-me do meu poder da rua. Aquilo não valeria nada no dentro, me envergonhei da autoridade, quando a menina xerifa se sentou na jega para me ouvir.

Pedi desculpas, justifiquei o meu falatório pelo prazer de entregar livros. Ela me olhou, encarou-me como se faz em cadeia. Não era um olhar de quem gritou “demorou”, menos ainda o de quem pagou homicídio, era apenas a inocência de quem se espantava pelo silêncio. As bochechas até diminuíram, pois o rosto esticou-se. “Continua”, ela pediu, “gosto de ouvir ideias novas. O que você está lendo neste momento?” Não sei se tremi pelo inesperado da pergunta ou se pelo dever da verdade da resposta, o livro era de estatística, mas respondi anunciando o segundo livro das mulheres leitoras, “A valise do professor”, de Hiromi Kawakami. “Me traz ele também?”, a voz era mais infantil que os dezessete anos.

– DEBORA

|4| a solidão | o vexame

É tão ruim ficar longe das pessoas que a gente gosta. É uma das coisas que mais doem neste lugar: a solidão. Você pode ter companheiras aqui dentro, mas não é a mesma coisa da família, de pessoas que cresceram com você. Eu penso tanto nelas. Tenho tanta saudade da minha irmã de quinze anos. Eu me arrependo de tanta coisa, mesmo antes de vir parar aqui... fui embora de casa e perdi o crescimento dela. Costumava vê-la pouco e não estava ao seu lado para poder dar uns conselhos de irmã mais velha. Lá fora, eu não fiz o papel de irmã mais velha com nenhum dos meus irmãos. Só pensei em mim. Só pensei na minha felicidade, que durou pouco tempo.

Hoje, eu penso na minha avó, que já passou tanta coisa na vida e ainda está de pé. Lembro quando eu era pequena, lá pelos meus dez, onze anos, quando ela pedia a minha ajuda para arrumar a casa e eu não ajudava por preguiça. Todos os dias, ela saía de casa às cinco horas da manhã e voltava lá pelas oito horas da noite, morta de cansada, e mesmo assim ainda fazia a janta e a comida do almoço do outro dia para eu, minha irmã, meu avô e meus tios comermos. Nesse tempo, ela pedia ajuda e eu negava. Eu me arrependo tanto por isso. Ela sempre foi tão forte, sempre cuidou de todos nós, e o mínimo que eu podia fazer era ajudar a arrumar a casa. E eu não fiz isso.

Depois de um tempo sem vê-la, eu recebo a sua visita aqui. Triste destino para uma senhora que agora visita a terceira pessoa de sua família em cadeia e, quando chega em casa, ainda se prepara para ir trabalhar de madrugada. Também depois de um tempo sem ver, eu recebo a visita de uma adolescente linda e fechada. Minha irmã. Como ela mudou... como é quieta e distante. Me pergunto se isso não é por causa do que ela já viu e já passou desde tão nova. Como eu queria voltar no tempo. Essas duas pessoas vieram me ver acho que três vezes, por conta da correria do dia a dia. Mas, sem dúvida, essas três visitas foram dos melhores momentos que já passei aqui.

Agora, quem me visita de quinze em quinze dias é a mulher de quem sou filha e com quem tenho muitas diferenças, mas que não me abandonou neste momento difícil. E, mesmo se eu fosse ficar aqui a vida toda, ela também não me abandonaria. Apesar das brigas e dos desentendimentos que já tivemos, ela está do meu lado, e isso eu sempre vou dever a ela. Minha irmã, avó e mãe, eu amo vocês mais do que tudo neste mundo. Desculpem pelo que me tornei. Se sou assim, se desde cedo dei problemas, saibam que nunca quis magoar vocês; e se desde nova me afastei de vocês, foi para evitar sofrimento. Mas todas as noites que dormi longe, senti falta de vocês. Sei que não sou muito de demonstrar o que sinto, mas sem vocês eu não viveria. E, a meu modo, amo vocês. Obrigada por me mostrarem que não estou esquecida.

– TALIA

Sábado é dia de visita, por isso chego cedo ao plantão. Não desço ao módulo, já me ajeito no burburinho da portaria. Há um cheiro de bolo quente e um cansaço resignado entre as mulheres. A visita exige a madrugada como preparação. Parece até que há regra na cadeia de papel para visitante de menina ser também mulher, pois conto nos dedos os homens visitadores que conheci. Assíduo, só conheci um, o pai da menina careca. Era um homem de poucos dentes, olhos caídos, e uma alma mais sofrida que a das mulheres. Não era um sujeito de muitas palavras, aninhava-se num canto com a filha e se punha a chorar junto. Nunca perguntei pelo que eles tanto sofriam.

Puxo conversa, enquanto o corpo nu se exibe de jeito típico de cadeia. Visitante esperta se prepara com roupa ágil para a revista

vexatória — nada de aros para levantar o que a gravidade já moveu, e não tem isso de belezas em partes altas ou baixas do corpo. Não há pedido de uniforme à visitante, mas o vestuário deve ser pudico. As visitantes mais experientes já fecham a porta em sincronia com a roupa fora do corpo, e sempre se fala muito enquanto o corpo se expõe. Donagente revistadora é também mulher falante e, como não há especialidade no posto, arrisco dizer que é a nudez o que provoca a conversa. Os assuntos são variados, mas calor, deus e dinheiro são os mais debatidos. Preciso confessar o quanto eu mesma tagarelei sobre o calor e sonhei com um ventilador nos dias secos de Brasília.

A sala de revista é um quadrado de duas portas com basculante sempre fechado. É um lugar de passagem. Na porta, um anúncio em formato de grito — "não abra. Sala de revista". As paredes são vazias, só um cartaz mal redigido e suado anuncia as regras da casa: "Art. 63. O procedimento de revista no visitante adulto observará os seguintes procedimentos: I — Solicitar que o visitante retire seus sapatos e meias para a verificação do servidor; II — Solicitar que retire as vestes na seguinte sequência: retire a camisa, a calça e peças íntimas, calcinha e sutiã ou cueca, verificando costuras e dobras; [...] IV — O servidor observará o aspecto físico do visitante (Ex.: obesidade, magreza, altura etc.) verificando as dobras do corpo e orifícios (Ex.: abdômen, axilas, seios, peitoral, costas, articulações dos joelhos e cotovelos, boca, nariz, ouvidos, cabelo, espaço entre os dedos, palma das mãos, planta dos pés); V — Visitante antes de efetuar o agachamento deverá posicionar as pernas com abertura sobrepostas à largura dos ombros; [...] VII — Em mulheres adultas, solicitar que agachem três vezes de frente com as mãos levantadas, três vezes de costas, soprem com a boca no antebraço, no último agachamento, para forçar a região abdominal e, com isso, verificar a possível guarda de objetos no interior das partes íntimas; [...] XI — Solicitar que a visita sempre troque o absorvente".

A mulher chega vestida, desnuda-se ao olhar da donagente protegida com luvas cirúrgicas. Permanece alguns segundos nua para levantar ou mover carnes; noutros segundos, veste-se e sai pela porta de onde avista o balcão de inspeção da cobal. A vida de

puxadora de plantão, isto é, de rotina de um dia a cada três, me autorizou a ser mais uma na sala de revista. O título vexatório é sincero para quem agacha pudores, para quem investiga dobraduras do corpo, ou para quem, como eu, anota cheiros, cores e formas femininas. De tanto permanecer na sala vexatória, pedi licença para calçar luvas e ser útil, fiz-me buscadora de socorros para sangrias e, mais comum, fui porteira. Foi assim que conheci cada mãe, avó ou tia de menina. Me permita ser indiscreta, mas foi um conhecimento íntimo.

Nunca vi a sua mãe por ali, ela tinha autorização para visita em dia diferente. Não que eu quisesse testemunhar a nudez de sua família, não é isso. Suas parentes chegavam em dia de terça-feira, muitas vezes sem anúncio. Foi no ginásio de esportes que conheci a sua irmã miúda, essa que você se angustia por não crescer junto. Você está certa, ela é uma menina linda com olhar de mulher grande. Aquele foi também o dia da única visita de seu pai. Sua mãe e ele se evitavam no olhar, falavam todos para mim, mas a conversa não era compartilhada: você e sua irmã eram o centro, nós olhávamos aquele encontro.

Você me pediu uma foto da sua irmã, queria memória daquela visita. Perguntei se a foto seria de todos, "Só nós duas", me resmungou entre dentes. O constrangimento foi só meu, não havia expectativa de família naquele encontro. Eu as tenho aqui comigo, ela parece gigante, pois as pernas se confundem com as suas. O cabelo é tão longo que a imaginei na pintura de Sophie, daquele romance adocicado e interminável que você me fez ler, "A garota que você deixou para trás". Eu sei de suas queixas sobre os meus livros, mas "A valise do professor" é também uma história de amor: Tsukiko cuidava do professor Harutsuna de um jeito que não precisa de palavras. Lembra que você me perguntou o significado de valise, pois o seu dicionário havia sumido do barraco? Não vou me perder na autoridade das literaturas, nosso acordo é outro — seremos leitoras com direito a reclamação mútua sobre nossos estilos.

Desculpe se falei de seu pai por aqui, mas é que você só lembrou as mulheres da família em sua carta. Foram três visitas de sua avó e de sua irmã, mas muitas de sua mãe. Sua avó é visitante

de filhos e de netos entregrades, desdobra-se em saudades. Ao falar das mulheres de sua vida, você me esqueceu na carta. Não escrevia para mim, mas para elas, desculpou-se sobre quem foi e o que fez, agradeceu a cada uma pela permanência do afeto. Acho que também já me perdi sobre para quem escrevo na carta anterior. Se quiser, eu direi a elas o que escreveu sobre o amor ao seu modo, mas permita-me dizer algo — mesmo sem elas, você não será esquecida.

– DEBORA

|5| a leitura | a chegada

O tempo passa devagar. Estou acordada desde às seis da manhã, quando a agente faz o Confere de Efetivo. Acho que já deve ser umas sete horas. Acabei de tomar um banho, um longo banho em que fiquei debaixo da água, deixando ela escorrer pela minha cabeça e meus ombros enquanto pensava na vida. Teve uma hora em que fechei os olhos e imaginei que estava tomando um banho em casa. Por um momento, consegui me iludir com isso, mas não demorou muito tempo para a realidade bater na minha cara. Eu não estava em casa. E não vou voltar para lá tão cedo. É triste, mas é a realidade. Eu gosto de pensar que poderia ser pior e, pensando bem, poderia mesmo.

Aqui dentro, o que mais me ajuda são os livros. Ainda lembro quando um agente chegou em minha porta e me ofereceu um livro para ler. Eu não gostava de ler, mas o agente insistiu tanto que eu acabei aceitando. Li e gostei. Hoje, me considero uma leitora voraz. Gosto de ler. E, na situação em que me encontro, os livros são minha melhor companhia. Toda vez que leio, consigo esquecer que estou neste lugar. Consigo fugir em pensamento para um mundo fantasioso. Consigo sonhar. É um lazer para mim. Mas esse mundo eu só fui conhecer aqui.

Se tivesse começado a ler enquanto estava em liberdade, não teria me apaixonado tanto pela leitura, pois lá fora ela não seria tão importante para mim quanto é aqui dentro. Deve ser umas sete e meia da manhã agora. Hoje é dia da Debora vir. Ela vem de três em três dias, no mesmo plantão, entra no corredor com os livros e passa de porta em porta para conversar com as meninas. Quando para na minha porta, conversamos um pouco e trocamos cartas. Na verdade, conversamos mesmo é por cartas. Com o tempo, começamos a escrever sobre assuntos nas cartas que não são só sobre livros. Escrevemos sobre a vida. A relação dela com as outras meninas também é legal, mas eu gosto de pensar que, de alguma maneira, ela me considera especial, importante, ou que tem um

carinho maior por mim. Sei lá, só quero me sentir diferente. Eu gosto dela.

Engraçado pensar que foram os livros que nos uniram. Ela também gosta muito de ler. Acredito que seja para adquirir conhecimento, ou que, do mesmo modo que eu, para ela os livros sejam um lazer. De vez em quando, todos nós precisamos de uma fuga da realidade, e os livros são o portal. Depois que eu e Debora começamos a trocar cartas, pude conhecê-la melhor. Ela é casada, mas não tem filhos. É professora, mas de Direito, e muitas outras coisas que eu nem imaginava que ela era, tinha e fazia. Ela é diferente. Agora deve ser oito e meia. Já me banhei e lanchei, já li um pouco e escrevi para Debora. O tempo está demorando a passar. Acho que é porque estou ansiosa para que ela chegue logo. Vou tentar esquecer um pouco para ver se não demora muito o horário dela chegar.

– TALIA

Dormi pouco, atravessei a madrugada escrevendo cartas. Elas reclamam dos meus garranchos, mas, não sei se pela xerifagem ou pela gentileza, Talia faz questão de anunciar que não vê problemas na caligrafia. É verdade que nem dela ouvi elogios pela letra. Pode ser comedimento de professora, mas não faço queixas das letras que recebo, menos ainda do dialeto de cada menina. Não é só modo de falar de cadeia ou quebrada o que tenho que aprender, preciso decifrar variações da língua.

A menina poeta vive isolada há meses, não se relaciona com mais ninguém. Me pede cadernos e folhas, e escreve versos com dialeto próprio. A solidão não é só por tristeza; a menina usa fraldas desde que um tiro partiu o corpo de jeito diferente. O cheiro infantil

no barraco rejeita a convivência com outras meninas. Em um dos poemas, canta sua história de solidão na rua e de sobrevivência no dentro,

> "Nem Mãe e Nem Pai
> Eu não tenho Mãe e Nem Pai e isso
> É como se eu Não eszistise eu
> Fico me Perguntando si eu não
> nascesi sera que seria mesma coisa?
> Ou porque eu só bouba fico
> olhando e imaginando será
> que estou pirando?"

Não sei por qual desentendimento, Talia não troca palavras com a menina poeta. Acho que ela não vai gostar de me pegar misturando nossas palavras com os cantos da outra, mas, quando descobrir os versos, só riscando ou rasgando a intrusa sairá daqui. Eu sei que ela não desdenha as minhas cartas, suspeito até que as mande para longe das grades. A primeira menina que assisti o dia do julgamento para a liberdade fez questão de retornar ao módulo para se despedir das miseráveis que ficavam, mas também para resgatar a pasta de cartas. Era o testemunho da sobrevivência que ela carregava entre os braços quando atravessou o portão da cadeia de papel.

Não exagero no plural — todas me escrevem. Há semanas em que respondo a trinta cartas, algumas protocolares, é verdade. As de Talia são diferentes, trocamos passado, leituras e provocações de sentidos — eu faço muito mais perguntas do que ela a mim. Ela estranha eu não ter filhos, se inquieta com as minhas roupas e implica com os sapatos de tia velha, mas não é indiscreta na curiosidade. Outro dia, me perguntou o sentido de "conservador" — ela lia meus artigos e livros sobre aborto e homofobia. Não consegui explicar bem, meus argumentos eram ainda mais ilustrados que meu vocabulário, "Deixa para lá, acho que entendo", só faltou me alisar para acalmar incompetência. Os meus limites de curiosidade são mais frouxos e, de tão perguntadeira, ela decretou, "Me traz um caderno, vou escrever ele inteirinho com histórias que você quer saber". Ela passa os dias escrevendo o passado e me exibe de longe a letra redonda preenchendo as páginas.

A cada dia, meu tempo de plantão aumenta, e não é que eu faça mais plantões, já é muito um dia a cada três. Fico cada vez mais tempo pelo corredor, no banho de sol, na porta da bocuda ouvindo histórias e anotando palavras. As outras já perceberam a distinção da xerifa e houve até fuxico de menina recalcada, "A senhora prefere Talia". Essa queixa me provoca sentimentos de filhas em disputa pela mãe, mas não ter parido gente me alivia da mentira: sim, Talia é diferente. Houve um tempo em que o barraco dela era o primeiro, depois ela se mudou para o segundo; agora, habita o mais ao fundo. Ela não sabe como isso facilitou a minha chegada: converso com todas, e vou devagar avançando pelo "corredor repleto de maldades", até pausar tempo longo na bocuda do barraco de número 8. Hoje vou chegar mais tarde, a noite insone me atrasou para o plantão.

– DEBORA

|6| o corre | a tolice

Acabei de acordar com o corre deixando o café da manhã na porta do meu quarto. Deve ser umas sete e meia da manhã agora. Não é todo plantão que tira o corre na parte da manhã, mas este plantão tirou. O corre é uma menina que sai todo dia para fazer a limpeza do módulo e servir a comida. O corre vai de quarto em quarto, do um ao dez, pela ordem de numeração. Amanhã, o corre é do meu quarto. Geralmente, o corre é tirado na hora do almoço e na hora da janta. Com exceção de um plantão, que tira o corre às sete e meia da manhã, nos outros, são as próprias agentes que servem o café da manhã.

A menina do corre fica solta no módulo durante um tempo. Ela serve a comida, recolhe os lixos dos quartos e depois limpa o módulo. Nesse tempo, ela faz alguns favores: pega alguma coisa no quarto da outra menina, entrega alguma coisa em outro quarto, ou leva e traz recados. O corre faz alguns favores que, se fosse uma agente, não faria. É bom sair para o corre. Você fica um tempão solta no módulo escutando música na televisão do pátio interno e realizando tarefas. Eu me lembrei do livro que eu li, "Orange is the new black", que fala sobre uma mulher que ficou um tempo cumprindo pena em um presídio nos Estados Unidos. Nesse presídio, tinha uma equipe de presas selecionadas para realizar cada atividade, na cozinha tinha um grupo selecionado para arcar com as tarefas, e a mesma coisa acontecia com a equipe de manutenção. Diferente daqui, cada uma era selecionada para um tipo de tarefa. Lá era mais organizado.

Ter o corre solto no módulo é sempre bom, pois você pode contar com ele para qualquer coisa que precisar. Fora que é bom sair um pouco para o corre também. A hora que me sinto um pouco mais leve é quando eu estou no corre. As agentes ficam só na Monitoria observando o corre pelas câmeras, qualquer movimento suspeito, elas entram e trancam o corre. O corre fica responsável pela comida, ou seja, se alguém não receber a comida, a responsabilidade

é do corre. Se acontecer alguma coisa no módulo e o corre estiver solto, a responsabilidade também cai um pouco para o corre, e assim por diante.

Eu não estou acostumada a tomar o café da manhã que é servido às sete e meia. Deixo o pão e o café na porta, depois só levanto da cama para tirá-los da bocuda. Desde a rua sou assim, não tomo café da manhã, e dizem que o café da manhã é a refeição mais importante do dia, mas eu não tomo, só de vez em quando. Hoje, vou tomar o café da manhã. É pão cheio de manteiga e um café aguado e sem gosto, mas essa é uma das melhores refeições servidas aqui. Depois do café, se não tiver aula, vou deitar na cama e ler um pouco. Quero ver se consigo, por um momento, imaginar que eu estou livre.

– TALIA

"Corre" foi uma palavra que aprendi assim que eu cheguei: "Se o corre estiver solto, não entre"; "Faz um corre para trazer caneta, d. Debora"; "A senhora fez o corre do livro que eu pedi?" Corre é gente e coisa, trabalho e benefício. Corruptela de "correria" é a história oficial da palavra, eu mesma tive que fazer um corre pesado para conviver no módulo com corre solto e sem donagente fungando meu cangote. Foram longos meses de conversa na porta da bocuda sem corre solto. Até tentei entrar com um rádio na cintura como treino de convivência para o corre solto, só não tinha ideia do quanto o troço pesava e eu me confundia para usá-lo. Fiz um corre leve para convencer donagente c2 e donagente pit bull que mais seguro seria me vigiar por câmeras que me transformar em radialista de qtr, qtu ou qap. Prometi que, em caso de ameaça,

gritaria alto, e assinei documento de responsabilidade própria pela integridade de meus cabelos ou vida. Mas antes ouvi promessa de cada uma de vocês: "Posso mesmo ficar com o corre solto?" Ninguém duvidou da resposta. Aproveito e conto um segredo, a menina caguete me esparrou que você e Pikena exigiram respeito e bons modos de cada corre, caso contrário a cadeia viraria.

Sozinha, donagente não permanece em módulo com corre solto, meu ato é considerado tolo ou heroico, a depender de quem assiste à cena. Foram seis meses de espera, e o primeiro corre solto foi com a menina careca. Ela é desengonçada de corpo, com olhos tristes e aflitos. O cabelo é de cacho assombrado, mas falho, e ela me pede para admirar foto de um passado em que a droga não havia lhe transformado. Ela arrastava o hot box pelo chão, parava em cada bocuda, entregava a comida. Hot box é caixa grande, daquelas de armazenar cerveja, e sem rodinhas, é movida a custo pelo módulo. Até o azul da caixa é da cor das portas dos barracos. A entrega é quase um passe de mágica: um prato virado no outro, a agilidade do encontro das mãos entre as grades da bocuda, a devolução do prato fingido de tampa. O cheiro da comida é um misto de gordura e feijão azedo.

Você é gentil ao chamar aquela comida de café com leite e pão com manteiga. O certo é xernobiu com marrocos — de tão ralo que é, o leite mais se parece a um acidente nuclear, e o pão é só uma bola inchada. A dupla xernobiu e marrocos fica largada nas entregrades da bocuda à espera de que a menina desperte para a escola. Há uma melancolia naquela comida sem fome. O Confere de Efetivo passa às seis horas da manhã, mas o xernobiu é distribuído pelo plantão que o rende. Assim como você, não tenho fome ao acordar. Quando pernoito aí, saio do jeito que acordo; quando chego cedo, é sempre em jejum.

O corre da limpeza é a única tarefa permanente de vocês, por isso, pede rodízio, diferente do presídio americano. Li "Orange is the new black" ainda no tempo em que escrevi "Cadeia: relatos sobre mulheres", e o curioso foi terem trocado o uniforme do presídio também para laranja aqui em Brasília. Já ouvi graça de donagente dizendo ser o corre da limpeza a principal oficina oferecida pelo

sistema socioeducativo, “oficina de faxineira”. Outro corre é o da biblioteca, seuagente dos livros tira alguns pares de meninas para ajudá-lo a arrumar estante. Novidade é o corre da horta, donagente gerente quer ver flores na cadeia de papel, mas faltam sementes — até elas precisam da boa vontade para serem cultivadas em lugar sem sombra. Ser o corre é viver momentos de liberdade, mas também de tática para a sobrevivência: entre os favores que um corre faz e donagente não faria, estão as ameaças de guerra, as drogas encartuchadas e os estoques escondidos. Minha vista foi curta para alcançar o que o corre fazia além de limpar chão ou distribuir comida. Por isso, além de seu salve de proteção, o corre solto nunca me perseguiu.

– DEBORA

|7| a caneta | a lua

Hoje eu acordei bem. Agora tem uma novidade: uma caneta que é liberada nos quartos. Antes não podíamos ter lápis nem canetas dentro dos quartos. Se tivesse alguma revista e fosse encontrado lápis ou caneta, além de serem recolhidos, a menina ainda ficava em medida disciplinar. Mas não é qualquer caneta que é permitida. Essa caneta que foi liberada é feita de silicone, ela dobra, é legal de morder e também é menor que as comuns. Bom, essa novidade mudou muita coisa, é bem melhor poder usar algo sem esconder.

Agora podemos escrever bastante, sem nos preocupar. Eu não era muito fã de escrever. Peguei esse costume aqui dentro. Escrevo bastante sobre o que estou pensando ou sobre alguma coisa legal que aconteceu comigo, só não escrevo mais porque eu também gosto muito de ler. Na verdade, gosto mais é de ler. Escrever é uma forma que encontrei para expressar o que sinto. Não sou muito de dizer para alguém o que estou sentindo, eu nego ou finjo que algo me incomoda. Não é para qualquer pessoa que conto a verdade. E, mesmo se eu gostasse, aqui não podemos muito, como é que diz, "nos expressar". Então, a única forma que eu encontrei foi escrever.

Ninguém é de ferro. Chega uma hora que a gente precisa botar o que sente para fora. Às vezes, de tanto segurar, a gente bota para fora sem querer. Isso já aconteceu comigo algumas vezes. Em uma delas eu era o corre: foi quando estava no pátio externo, à noite, olhando a lua por entre quadradinhos com você. Eu digo ver a lua por entre quadradinhos por conta das grades que cobrem o pátio externo. Não tem teto, só grades, por isso tem como olhar o céu diretamente. Naquele dia, eu estava fazendo a limpeza do módulo, o pátio externo estava aberto para estender a roupa das meninas e você estava no corredor. Geralmente, converso com você pela bocuda do meu quarto, mas como eu estava solta no módulo, fomos conversar no pátio externo.

A lua estava linda, crescente, quase cheia no céu, e não tinha nenhuma estrela. Eu não estava muito bem. E, enquanto estávamos sentadas no pátio externo, nós começamos a conversar. Eu gosto de brincar com você e dizer que naquele dia tivemos um encontro romântico. No meio da nossa conversa, as lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto sem eu querer. Eu estava muito triste e não conseguia me controlar. Precisava botar para fora e foi naquele momento. Você não fazia nada, só pegava no meu ombro e dizia "Eu estou aqui". Esse, sem dúvida, foi o melhor consolo que alguém poderia me dar, porque foi sincero. Por isso, foi um encontro romântico para mim.

As canetas foram uma novidade. É sinal de que as coisas estão evoluindo aqui dentro. Agora escrevo no quarto e posso contar algo que eu não faria pessoalmente. E a mesma mulher que estava olhando a lua por entre quadradinhos comigo, trouxe essa grande novidade para a gente. Mas, bem mais importante do que a caneta, foi você estar comigo naquela noite. É com ela que eu escrevo.

– TALIA

C

O encontro romântico só foi possível porque era uma sexta-feira fria de seca no cerrado, e esse lugar fica mais solitário no inverno. Donagente pit bull fez olhos de compaixão ao meu pedido: "Me deixe ficar mais um pouco com ela, só um pouco". De tempos em tempos, eu saía do pátio e mostrava a ela que estava inteira. Já passava das nove da noite, e nós duas sentadas no cimento do pátio olhando o céu. A verdade é que chamar aquilo de pátio é exagero, já contei meus passos, pouco mais de quinze de largura por quarenta e cinco de comprimento — aquilo está mais para laje de

casa na favela. Naquele tempo, Pikena não era sua companheira de barraco, habitava o primeiro quarto da direita e, pelo comungó, participava do assunto lacrimoso entre nós. Não é meu forte acomodar sofrimento, se acertei foi por falta de jeito, não por ensaio de acolhimento. Também não gosto de esmiuçar dores ou perturbações, prefiro arrumá-las sem queixas ou relatórios. Acho que somos parecidas nisso.

A roupa lavada sombreava o cimento. Você estendia aquela sua coberta gigante e medonha, com estampa de zebrinha preta e branca. Vê-la lavar roupa no barraco era uma cena que pedia exagero: a coberta se fazia carpete, havia espuma por todos os lados, sua escovinha menor que uma palma de mão, de tão pressionada, soltava as cerdas. Você passa horas nessa tarefa ingrata de lavar roupa com os joelhos colados ao chão. O criador da cadeia de papel esqueceu que as habitantes sujam e lavam roupas. O masculino da criação aqui não é erro — só pode ter sido um arquiteto homem, e daqueles que nunca lavaram a própria roupa.

A caneta eternizou essa noite de silêncios e lágrimas. Quando aí cheguei e inventamos as cartas, a escrita era exceção de boa vontade de donagente: só se escrevia no banho de sol, no pátio externo ou interno, e sempre sob o olhar atento da vigilância. Carta para entrar ou sair de um barraco, somente com leitura de donagente gerente ou donagente c2. Assim, o tempo de escrita era reduzido a duas horas diárias, e as canetas, racionadas. Foram dois meses nessa agonia, minhas cartas chegavam e vocês me anunciavam como em um jogral o que gostariam de ter escrito, mas não puderam, pois não havia caneta ou papel.

Essa luta pela palavra me inquietava. Foi assim que visitei um presídio no estrangeiro e descobri as canetas mágicas, essas de silicone e boas de morder. Se lá podia, por que não poderia na cadeia de papel da capital do país? Fiz ofício e carimbei pedido à donagente gerente e à gerente-geral da cadeia de papel — que permitissem caneta mágica como propriedade de cada menina. Pedi mais: queria que minhas cartas não fossem mais lidas pela vigilância. Preciso confessar o meu receio: e se uma menina furasse os olhos da outra usando as canetas mágicas como estoque? Eu

só podia relatar passado de glórias da caneta, mas me intimidava prometer pacifismo permanente no uso.

Foi assim que a caneta chegou a vocês e eu ganhei confiança para escrever sem donagente fiscalizar. De novo, fiz assembleia: "Prometem que não vão usar a caneta para outros fins, mas só para a escrita?" Todas juraram fidelidade às origens de uso do objeto mágico. Fui ainda mais clara no pedido, você ria de longe enquanto eu passava de bocuda em bocuda: "Promete não furar menina, nem donagente, nem visita com essa caneta?" Todas prometeram, e a caneta mágica eternizou o nosso encontro.

– DEBORA

|8| a roupa | o uniforme

Vontades e desejos. Para o tempo passar mais rápido eu penso muito na vida; no que quero fazer, ou em coisas fúteis, depende da ocasião. Gosto de reparar nas pessoas e, aqui dentro, qualquer coisa me chama atenção, seja alguém passando perto do meu comungó ou alguma menina nova chegando. Com o tempo, ficamos sem assunto umas com as outras, sem muito o que conversar, por isso qualquer novidade vira conversa. Pode ser qualquer uma, até o jeito de alguém se vestir.

Sempre achei o seu estilo de roupa bonito. Combina com você. Eu não usaria as roupas que você veste, não porque as ache feias, mas porque não combina comigo. Você, às vezes, calça um sapatinho engraçado, que parece de palhaço, e gosta de usar roupas folgadas, mas sempre fica bonito, por incrível que pareça. Eu fico pensando como você ficaria de calça jeans e blusa justa, com uma linda maquiagem e salto alto. Ia ficar linda. Mas acho que você não se vestiria assim, tem estilo de madame sofisticada e simples. Eu me visto diferente. Gosto de calças jeans, camisetas e adoro calçar umas sandalinhas de borracha com cheiro de chicletes que se chamam Melissa.

Tenho cabelos cacheados, mas lá fora não vivo sem chapinha. Você teve sorte, tem cabelos tão lisos que não seguram prendedores. Eu não tive essa sorte. Uma das coisas que sinto falta aqui dentro é do colorido das minhas roupas, da forma como podia me vestir como quisesse sem que ninguém tomasse minhas roupas por ser contra as regras. Aqui dentro funciona desse jeito. As camisas têm que ser de cor clara — branca, cinza ou bege —, os shorts e as calças também. Os shorts têm que ser compridos e folgados, e não podem entrar vestidos ou saias. De jeans, só se for calça, e nos quartos não pode ter excesso de roupas. Literalmente, vestimos uniforme. Roupas sem vida, sem cores e iguais. Acredito que essas regras sejam para nos diferenciar das agentes ou por

algum outro motivo que não explicaram para nós, mas também nunca me ocorreu perguntar.

Regras são regras, procedimento é procedimento, só isso que devemos saber. Quando eu sair, não vou usar mais roupa branca ou cinza durante um bom tempo. Aqui dentro, pude perceber o quanto essas cores são frias e melancólicas. É deprimente. E, para completar, meu cabelo cacheado não combina comigo. Eu devo estar horrorosa. Nossa, minha autoestima está acabada, mas só por enquanto. Lá fora eu vou cuidar mais de mim. Vontades e desejos. Como eu penso na rua, como eu penso em fazer coisas que nunca fiz e repetir a dose de coisas que eu gostei de fazer. Eu desejo e imagino várias coisas, até as mais banais, como calçar um salto, colocar um vestido e me sentir eu novamente. Minha personalidade, meu gosto, sem ninguém para dizer o que devo ou não usar. Mas tudo bem. Não importa o que visto, onde estou, o que fui ou o que já fiz, podem tirar minha liberdade, mas não podem tirar meus pensamentos nem moldar minha personalidade. Mesmo com essas roupas e o cabelo bagunçado, ainda sou Talia.

– TALIA

Não sei se já lhe contei, mas uma de minhas primeiras pesquisas foi em um monastério de clausura. Nele, viviam monjas carmelitas descalças, com votos de obediência, castidade e pobreza. Silêncio era uma regra de vida. Por ali, só se ouvia o som dos sinos; o falatório era intenso apenas nos intervalos de recreio — dois por dia, e o nome era esse mesmo, recreio, ainda hoje me soa infantil. Até as refeições eram feitas em silêncio. Elas usavam um hábito rigoroso, de múltiplas camadas de marrom escuro, preto e branco, e

as regras de convivência eram tão intensas quanto a roupa: não havia talheres, só colheres; na cela, uma cama sem colchão ou travesseiro; e nada de prazeres do mundo. Recém-chegada se chama noviça, e o nome de batismo seria mudado no tempo da clausura. O período do noviciado, seis longos anos, era o de aprendizado da vida em solidão.

A cadeia de papel não é um monastério, mas antes de mim sociólogos já compararam manicômios, prisões e conventos. Há regras, formas de vestir e comportar-se, palavreado específico e vigilância. Você falou da roupa sem cores, descreveu-a como uniforme. Sim, ela é um uniforme no sentido mais simplório do termo — é uma forma de padronizá-las, de retirar individualidades, de deixar todas ainda mais parecidas: além de meninas infratoras com corpo da periferia do mundo, são uniformizadas com roupa de cadeia. Se o abandono do feminino no monastério era um desejo da jovem monja, na cadeia de papel, é um martírio para vocês. Entendo cada uma de suas queixas, de seus desejos e vontades reprimidas, da inquietação permanente com seus cachos abundantes.

Eu e você sabemos que uma cadeia não é um convento, mas a disciplina da obediência tem raízes cristãs para mortificar o corpo. Já falamos disso e muito: a solidão da cela, o regramento da comida e do corpo, o tempo conhecido só pelo calendário da parede. Lembra-se do verso de "Horas de Catharina", de Bruno Tolentino?

> "ó silêncio, ó silêncio,
> devias consolar,
> cada vez mais imenso...
> Mas que nada! Calar
> é entupir de barulho
> o vazio da alma,
> é pintar por orgulho
> a máscara da calma
> na cara da agonia".

Lemos tantas vezes esse verso para acalmar a alma, o orgulho e a agonia da solidão. Mas se engana quem confunde cadeia de papel com a castidade esperada de um monastério. O que se controla

nos barracos são as aparências e os espetáculos, mas os desejos proibidos alegram a sobrevivência: além do batom rosa ou do dia da beleza aos domingos, os prazeres noturnos são inconfessáveis. Esperam-se votos de obediência, castidade e pobreza, mas aí é o espaço da perdição; ingênua é a donagente que acredita controlar o corpo de uma menina malfeitora como o de uma noviça em um convento.

Você veste uniforme, eu também assim me travesti — sempre de preto para me misturar à multidão fora das grades. Meus sapatos de palhaço me traíram, menina tímida me pergunta as origens e pede histórias de conforto. Devagar, me denuncio como a madame que não me reconheço. Nossos jeitos se estranham, a estética é só uma de nossas surpresas. Seu sonho é me vestir com jeito próprio ao sair daí: uma calça jeans justa, brincos de argolas gigantes, um salto perna de pau e batom vermelho vibrante. Já disse, e aqui prometo, saia, viva a liberdade fora do crime e eu cumprirei a palavra de mulher — irei a um frevo com roupa adequada. Os sapatos de palhaço ficarão em casa.

– DEBORA

|9| a beleza | o erro

Todo domingo era dia da beleza no módulo, ou seja, o dia em que podíamos arrumar o cabelo e passar chapinha. As agentes nos tiravam para o banho de sol, as menores iam de manhã, e as maiores, de tarde; entregavam a chapinha que os nossos familiares traziam e nós usávamos. Todo domingo acontecia o dia da beleza. Por conta de uma ocorrência, esse dia especial no módulo foi cortado.

A ocorrência foi uma tentativa de fuga, mas não como aquela da lata de lixo que você contou no seu livro "Cadeia: relatos sobre mulheres". Eu presenciei tudo o que aconteceu e fui acusada de participar sem ter feito nada. Minha companheira de quarto estava no corre da limpeza quando percebeu que só tinha uma agente fazendo a vigilância do módulo. De última hora, ela e outra menina, que estava na frente do meu quarto, decidiram armar uma fuga. O plano era simples, a menina que estava no corre iria pedir para ser trancada; quando a agente viesse trancá-la e fosse puxar a tranca de baixo da porta, a menina que estava no quarto da frente iria bater com o rodo na cabeça da agente. Na mente delas, a agente iria desmaiar e, quando isso acontecesse, a menina que estava no corre iria pegar a chave da agente e abrir os quartos. Com uma teresa grande, elas iriam escalar o muro. Pronto, esse era o plano.

Eu acompanhei tudo de perto. No começo, saiu tudo como o planejado, a agente entrou sozinha no corredor para trancar a menina. Eu estava na porta do quarto e vi tudo. Quando a outra menina bateu com o rodo na cabeça da agente, ela não desmaiou; mesmo assim, a menina tentou pegar a chave da mão da agente, só que não conseguiu. A agente saiu correndo e pediu reforço no rádio. Os agentes chegaram e levaram as meninas. Tudo isso aconteceu na frente do meu quarto. Eu estava na porta e vi tudo. Esse foi o meu erro.

Fui acusada de participar sem ter feito nada. Depois que levaram as meninas, voltaram para me buscar, pois a agente agredida

insistia em falar que eu tinha puxado o cabelo dela. Insistia também em falar que, na verdade, as meninas não queriam fugir, mas sim matá-la. Eu fui acusada de uma tentativa de homicídio sem ter feito nada. Com o decorrer do processo, foi comprovado que eu era inocente, pois não tinha nenhuma prova contra mim. Fui absolvida, mas só depois de eu ter pagado grandes consequências.

Depois dessa ocorrência, foi cortado o dia da beleza. A gente gostava daqueles domingos, era um dia que a gente podia se arrumar, ficar diferente. Mas foi cortado e, até hoje, não voltou. Apesar de ter sido absolvida perante a lei, para a unidade toda eu sou considerada culpada; para eles, eu participei do ato. Fui acusada de participar sem ter feito nada. Meu erro foi ter ficado na porta do quarto.

– TALIA

Acho que você está certa. As donagentes não acreditam em sua versão da história. Minha chegada na cadeia de papel coincidiu com a tentativa de fuga, a primeira da banda feminina desde que se inaugurou a unidade. A vida estava sob intensa vigilância, e havia suspeita por todos os lados, por isso você vivia no primeiro barraco à direita. O plano de fuga nem foi engenhoso, mas a violência em donagente fez espalhar o terror. Ouvi detalhes do cabelo arrancado, da luta para escapar da armadilha no módulo. Nesse tempo, sua companheira de barraco era a menina de olhos tristes, com quem gosto de conversar. Nunca as vi conversando. E quando chego no módulo paro no barraco em que ela vive, o de número 4. Ela é uma menina de muito observar, uma delicada analista da vida em cadeia. Chegou aí com a experiência de quem visitou

cadeia de homem grande ainda de fraldas, de quem sobrevive em família com guerra de sangue.

No plano de fuga, a dupla da menina de olhos tristes foi a menina machinho, a única a ter corpo transformista na cadeia de papel. A menina machinho vive metamorfose lenta no longo tempo de internação — raspou cabelo, aperta o busto, mudou o nome. Pede roupa de menino, insiste em usar cueca, mas não reclama mudança de módulo para a banda masculina, ela quer ser este mesmo: uma menina machinho entre as meninas. Nunca lhe perguntei as razões, mas sei que elas não fazem parte de sua firminha, entre vocês não há muita conversa. A menina de olhos tristes era sua parceira, vocês dividiam barraco, mas depois do plano de fuga houve distância sem guerra. Ela também me garante que você não participou do plano de fuga, e que não houve isso de tapa em donagente. O seu erro não foi estar na porta do quarto, mas ser xerifa.

Ocorrência é palavra multiuso em cadeia de papel. Já presenciei ocorrência para todas e por tudo — não discuto justiça, só faço lista do testemunhado: menina sem sutiã; menina resmungando em chuveiro; menina com unha comprida; barraco feito de motel; xingamento a donagente; ameaça de homicídio à donagente gerente; maconha encartuchada; estoque escondido em colchão; rebelião; cavalo doido; grito por besouro. A lista não tem critério de importância nem de frequência, é quase uma curiosidade de observadora. A depender da gravidade da ocorrência, a medida disciplinar assume doses diferentes. Um, dois, cinco ou quinze dias. Pode ser no Pavilhão Disciplinar (pd) ou, em caso de ocorrência grave, como foi a tentativa de fuga e agressão à donagente, isolamento em módulo abandonado sem direito a colchão. Nunca a vi dormindo na pedra, mas, logo que cheguei, conheci a menina caguete dormindo na pedra por ter jogado comida no rosto de donagente.

A medida disciplinar pode ser de mais tranca no próprio barraco. A tranca já é dupla, o cadeado de cima e o de baixo; em caso de medida, soma-se uma tranca imaginária anotada no livro do módulo. O banho de sol é reduzido e solitário, não há isso de atividade extra na vida medíocre de cadeia, e a cobal é racionada. Tão infeliz quanto a semana sem comida da rua é não ter mais o dia da beleza.

Esse é o máximo castigo de donagente gerente a todas de uma só vez. Queria lhe contar algo que descobri: donagente gerente até tenta convencer que uma chapinha aos domingos deixaria a vida no módulo de boa, mas cadeia foi pensada por homens e para homens. Por isso, o castigo do domingo da beleza já dura tanto: para seusagentes, isso de depilação ou chapinha é dengo de donagentes para menina peba.

– DEBORA

|10| a medida | a disciplina

Hoje está fazendo calor. Daqui a pouco vou tomar um banho para ver se refresca um pouco. Quando o dia está ensolarado e a temperatura muito quente, até as paredes do quarto esquentam. Dá vontade de ficar pelada, mas se eu fizer isso pego uma medida. Medida é mais ou menos um castigo que você recebe quando faz alguma coisa errada. Você pode pegar até quinze dias de medida e, durante esses quinze dias, banho de sol é só vinte minutos, não pode receber cobal e, se tiver algum evento ou atividade na unidade, você não pode participar, além de não poder realizar a limpeza do módulo. É raro ter evento e atividade na unidade, mas só porque se está de medida, acontece um evento e tem uma atividade. Já aconteceu isso comigo várias vezes. Dá uma raiva. Eu perdi até as contas.

Já peguei medida por estar sem roupa dentro do quarto, por responder mal a uma agente, por ser pega com caneta e lápis dentro do quarto, por estar conversando depois que apagam as luzes e várias outras coisas sem sentido. Aqui você tem que ter muita disciplina, caso contrário, viverá de medida. E ficar de medida é muito ruim. Agora, quando você comete alguma falta grave, por exemplo, brigar, além de pegar medida, você pega um conselho disciplinar, em que a gerência faz uma ocorrência sobre o que você fez e manda para a juíza. Uma ocorrência no seu nome atrasa o dia da sua saída, o dia de você ir embora. E um dos critérios que a juíza usa para conceder algum benefício é a adolescente não ter ocorrência.

A cada seis meses, a unidade manda um relatório sobre você para a juíza avaliar. Se você tiver ocorrência, o relatório do conselho desce junto com o relatório da unidade, e quando a juíza vir uma ocorrência, ela não vai conceder o benefício. Daí, você tem que esperar mais seis meses para fazer outro pedido para a juíza. Então, o único jeito de ir embora rápido daqui é ter um bom comportamento. Às vezes, acontece algo que não dá para evitar, e você

acaba em ocorrência. Às vezes, é por um desentendimento bobo com alguma menina. Isso acontece muito, afinal, viver com mulher não é fácil. Mas nem a juíza, nem a unidade querem saber: brigou, desce uma ocorrência no seu relatório. E você demora mais tempo para sair. Você não me conheceu no tempo das ocorrências: este ano não tive nenhuma. Chato, mas assim que funciona. O calor está aumentando. Já comecei a suar. Acho melhor tomar um banho agora para refrescar.

– TALIA

O que sinto por aí não é calor, mas queimação. A engenharia não foi feita para a sobrevivência: os tetos são baixos, o ar não circula, os muros altos que circundam os módulos fazem segunda barreira de concreto. Não há sombra, pois árvores e plantas desistiram de habitar esse lugar. Abro e tranco cadeados, dezesseis portas de arames do estacionamento ao m7, mexo trinta e duas vezes nas trancas como se fossem panelas fervendo, meus dedos saltitam. As paredes mudam de cor ao final do dia, são mais amarelas, preste atenção; o pátio externo é esquecido, pois não tem sombra. A dupla de arquiteto e engenheiro desse lugar é que deveria receber medida disciplinar, e, como castigo, passar noites no m10, o módulo dos loucos, dos estupradores e das bichas. Ali nem pátio existe, pois é o não lugar da cadeia de papel. Ou melhor: fazer-se de donagente por uma noite, e lembrar que lugar de descanso para quem vigia foi esquecido da planta original.

Acho que deve haver relatório até sobre o meu tempo por aí. A mania é escrever sobre o comportamento dos outros: há caderno do módulo, relatório de dona técnica psicossocial, relatório de

donagente gerente, relatório do Conselho Disciplinar e relatório para dra. juíza. "Relatório" é palavra solene, a vida de uma menina depende dela. Donagente justifica medida de um a cinco dias com registro no caderno do módulo: menina de sutiã na bocuda, dois dias de medida; menina em guerra com outra, cinco dias de medida. A métrica é informal e depende dos humores de cada donagente de plantão, mas até cinco dias não precisa de donagente gerente, pois o malfeito não é ousadia para o Conselho Disciplinar.

Nunca a vi em Conselho Disciplinar, mas já cansei de assistir a conselho alheio. Dos meninos, acompanhei um por plantão. Como eles são maioria por aí, mais de 150 meninos em seis módulos, e vocês pouco mais de 20 meninas, confusão animada vem do lado deles. O primeiro conselho a que assisti foi o do menino no chão. Era meu segundo mês de plantão quando ouvi chamada terrível pelo rádio, "Reforço m5". Não havia regra sobre o que eu deveria fazer em caso de urgência, por isso segui a multidão vestida de preto. Perto da capela, a imagem era de um formigueiro humano em direção ao módulo em reforço. Eu avançava à medida que não me censuravam.

Atravessei o pátio interno do m5, avistei um menino no chão, empalado com garrafa pet, uma teresa apertava-lhe o pescoço. Ao fundo, uma cambada de costas, em posição de procedimento. Dois deles afastavam-se da multidão, seriam os autores do terrível ato. Havia agitação, o dia era de visita de gente importante na cadeia de papel, e o anúncio de "Reforço" era palavra maldita. Em instantes, chegaram homens de paletó, autoridades com título de dr. corregedor, dr. polícia e dr. investigador. No burburinho, fui esquecida, até que donagente c2 me beliscou, "Saia, o que vai acontecer aqui não é para você. Jamais esquecerá". O tom era maternal, o beliscão era uma volta à realidade, eu testemunhava uma tentativa de homicídio.

Não sei o que houve de mais terrível que aquela cena, mas pedi para acompanhar o Conselho Disciplinar daquele bando em fúria. Foram muitos dias de interrogatório, acareação, depoimento e assinatura de texto: para cada menino investigado, seuagente gerente, dona psicossocial gerente e escrivão apertavam a verdade.

Visitei o menino no chão sobrevivente nos dias em que permaneceu no m10. O Seguro era medida para garantir que o homicídio tentado não se consumasse. Os rumores eram de ser ele um Jack ou um inimigo de guerra de sangue do xerife do m5. A verdade não aparecia nos conselhos — todos repetiam a mesma história: dois meninos é que empalaram, estrangularam, e entalharam o corpo do menino no chão. O motivo? O menino no chão era um rato de cadeia, tomou para si posse alheia. Não havia isso de xerife, passa pano ou caguete para o caso, nada desmontava a firmona do m5. O relatório de seuagente gerente não foi bom sobre os dois meninos, mas ele queria mesmo era pesar no relatório do bando.

– DEBORA

|11| a maldade | o mandamento

A maldade aqui dentro é vista no sorriso das pessoas. Aqui as regras do crime não são seguidas. Tem gente que é dedo-duro, que te entrega para as agentes por não gostar de você ou por inveja, para ver seu mal (caguetagem). Tem coisa no pátio, alguém vai lá e pega (ratiagem). Você confia um segredo para uma pessoa que promete que não vai contar a ninguém, depois vai lá e conta para alguém que você não se dá bem (trairagem). Ou, então, chega nessa pessoa e inventa um monte de mentiras suas para haver uma briga (casinha). Também tem aquelas que pegam algo emprestado e não devolvem (banhista). Tem muito mais. Aqui dentro tem de tudo e mais um pouco, infelizmente.

A maldade aqui dentro é vista no sorriso das pessoas. A melhor escolha que uma menina aqui pode fazer é não se envolver com pessoas que ela não conhece. Se ela se envolve, automaticamente os problemas das pessoas são passados para ela também e, além disso, não vale a pena, no final pode acabar te deixando sozinha. Não se pode confiar em muita gente aqui. A maioria não segue as regras do crime e, diferente de outras "cadeias", aqui não acontece nada com elas por isso, pois elas têm a proteção dos agentes, o que, olhando por outro lado, torna difícil a convivência com as outras. Quando alguma menina descumpre essas regras, o máximo que acontece é as outras meninas pararem de falar com ela durante um tempo, e é nesse momento que a cadeia pesa. Essa é a única consequência de uma menina que descumpre as regras: ficar sozinha.

Algumas vezes, raras vezes, acontece uma briga por conta desse motivo e a gerência acaba isolando a menina. E quando ela fica um tempo no Seguro, a cadeia dela é virada e ninguém aceita ter contato com essa pessoa. Mas é raro isso acontecer. As meninas daqui não querem é se atrasar, todas nós só queremos ir embora. Mas é um bocado de mulher, com o tempo a gente aprende a ir relevando esse tipo de situação e vai ficando mais cabeça fria. Só que tem vezes que não dá para levar, e é por isso que acontecem as brigas.

A maldade aqui dentro é vista no sorriso das pessoas. É por isso que eu falo: a melhor escolha que uma menina pode fazer aqui é não se envolver com ninguém. É ficar no seu canto. O problema é que ficar sozinha aqui dentro é mais difícil.

– TALIA

O anúncio da maldade chegou antes de eu conhecer vocês. Algumas donagentes me faziam terrorismo, "Elas vão arrancar os seus cabelos", "Não chegue perto da bocuda", "Nunca fique no pátio se elas estiverem soltas", "Se tiver rodo ou vassoura, saia de perto". É verdade que as donagentes assustadoras foram poucas, mas o falatório era intenso e variado sobre as maldades que vocês fariam comigo. E você, acredite, era sempre a personagem preferida das histórias de terror. Cheguei a me medir ombro a ombro, mas quando vi sua altura, juventude e vigor, desisti de ganhar a ameaça pela força. Preferi perguntá-la abertamente: "Eu corro risco aqui?", "Nenhum e nunca", me respondeu. Foi promessa que se cumpriu, e menina xerifa não vacila palavra.

Palavra de mulher é um dos mandamentos da cadeia de papel. O que se diz, se cumpre, caso contrário, outras regras de cadeia são chamadas para resolver conflito. Para a trairagem, há casinha montada; para a caguete, há Seguro com estadia longa. Você estava mal-humorada quando sentei no centro do módulo e pedi que todas me ditassem os dez mandamentos pela ordem de importância: discutíamos animadas, mas você se mantinha em silêncio. Só depois entendi o erro da minha conversa — os mandamentos não se decoram como em um texto religioso; se aprendem no corpo, na solidão do Seguro ou na tristeza de uma cadeia pesada.

Ouvi por aí que sou uma fiel puxadora de cadeia, por isso os mandamentos são também importantes para a minha sobrevivência. Você já me perguntou o que tanto faço quando chego no módulo, pois passo muito tempo na Monitoria, aquele lugar parecido a um aquário, de onde donagentes observam o que se passa pelo vidro e pelas câmeras. Ali é território da vigilância, um lugar de suspeita para minha permanência sendo uma fiel puxadora. Você sabe que convivo com donagentes, que com algumas fiz amizade, talvez um desencontro de lealdades para as regras da cadeia. Eu sei que você me observa muito. Outras já testaram a extensão do meu respeito ao primeiro mandamento de cadeia, "Não caguetar".

O maior teste foi o dia da maconha. Não sou especialista no cheiro, mas o nevoeiro do corredor era cortina de fumaça. As câmeras de vigilância já tinham sido instaladas, eu sabia que tudo se via em caso de suspeita. A maconha atravessou após um saidão de benefício, "encartuchada quase na virada do osso", me explicaram proeza. Não há revista vexatória que desentoque o escondido ou agachamento que induza a gravidade. A maconha encartuchada entrou, e encartuchada se escondia em caso de revista nos barracos. Mas a fumaça foi excessiva, "É verdade que as câmeras estão ligadas?", uma me perguntou. Confirmei e exagerei poder de bisbilhotice das câmeras. O medo foi geral, mas ninguém ousou me pedir segredo fumado. Era o mandamento sendo vivido, sem precisar ser anunciado.

Você diz que a maioria não segue as regras do crime e que donagente agiliza a parada de quem esparra o certo da cadeia. Talvez por conviver entre os dois mundos, conviver com os dois certos, o certo da cadeia e o certo de donagente, arrisco dizer que as coisas não são bem assim. Você se lembra da menina caguete que passou dois meses isolada no pavilhão disciplinar? Como argumentar que viver dois meses, sozinha e isolada, sem banho de sol na massa e com escola segregada, não é viver sob o certo da cadeia? Dos dez mandamentos, só não vi consequência de dois deles — "Não xingar a mãe da outra" e "Não desrespeitar visita", pois só menina noiada ou 22 erraria mãe ou visita alheia.

Conhecer os mandamentos importa para saber puxar cadeia. “Não dar rato nas outras”, “Não ser pé de pano”, “Não falar demorou”, “Não jogar conversa fora”, “Não agir na trairagem” e “Não se intrometer na vida das outras” são os outros que já vi castigo por errada na cadeia. Todos me parecem verdadeiros, só estranho esse que manda não jogar conversa fora, pois o que mais ouvi por aí foi conversa fiada. Eu sei que você se abusa da fuleiragem da cadeia de papel depois de ter lido “Estação Carandiru”; o mundo ali parece sem lugar para esparro ou errada de cadeia de papel. Só duvido que a cadeia dos homens não seja também cheia de fuleiragem.

– DEBORA

|12| a firma | o esparro

Acabei de terminar a leitura do livro "Estação Carandiru". Nunca pensei que pudessem acontecer tantas coisas ruins em um só presídio. Eu não consigo me imaginar em um lugar daquele. Entre o antigo Carandiru e aqui tem muitas diferenças: melhores, mas também há algumas poucas semelhanças. Entre as melhores, estão as regras do mundo do crime que são cobradas lá dentro: uma delas é não caguetar, que é a pior, e, assim como lá, aqui ninguém gosta de caguete; outra semelhança é a questão do respeito com as visitas, apesar de no Carandiru ser mais exagerado por conta da visita das esposas dos detentos; e a outra, que eu acredito ter em todo presídio e internação, são as firmas.

Firma é o grupo de amigos e gente de confiança que divide toda cadeia, ou seja, cada um tem suas parceiras, seu grupo de pessoas que confia e se identifica. Uma firma dentro da cadeia é essencial, pois aqui é um lugar onde é preciso ter pessoas de confiança ao seu lado. Se algum dia precisar, vão ser essas pessoas que vão ajudar você e, dentro da cadeia, nunca se sabe quando vai precisar de alguém, por isso é bom se prevenir. Geralmente, as firmas de cadeia são formadas pelo lado de fora: chego dentro da cadeia e encontro pessoas que eu já conhecia da rua, então, vou lá e me junto com elas, pois, por questões de confiança, é melhor você se juntar com pessoas que já conhece há mais tempo.

Isso, para mim, é uma firma de verdade. Há, claro, pessoas que acabam se conhecendo dentro da cadeia, que se juntam umas com as outras e, muitas das vezes, essa amizade acaba sendo levada para além dessas grades, mas não acho muito confiável. Essas firmas duram até alguém separá-las ou acontecer algum conflito entre elas. Mulher convivendo com mulher gera, automaticamente, muita intriga e fofoca. Isso dentro da cadeia é motivo de brigas, e, entre as firmas de mulheres, esse é o principal motivo delas se desfazerem.

Eu já defendi muitas meninas, me envolvi em brigas por muitas delas e também quebrei muito a cara por causa disso, pois, nos momentos em que eu precisei, elas me deixaram na mão, não me ajudaram. Já cheguei a fazer besteira por algumas meninas que se diziam minhas amigas e, no final, elas me deixaram sozinha. Depois dessas experiências, eu aprendi a não confiar em qualquer pessoa, principalmente naquelas que conheço há pouco tempo. Hoje em dia, eu criei uma armadura contra sentimentos intensos e profundos. Hoje em dia, já não tenho mais a ilusão de que as pessoas que eu gosto não vão me magoar. Hoje em dia, sei esperar uma decepção de qualquer pessoa, principalmente daquelas que eu gosto, pois o mundo me ensinou a criar essa armadura.

– TALIA

Eu visitei o presídio do Carandiru em finais dos anos 1990. Já lhe contei, foi para fazer uma entrevista logo após a publicação do livro do Drauzio Varela. Quando o li pela primeira vez, também me encantei com a história dos dois amigos, Antônio Carlos e Claudomiro. Eles eram uma firma da rua que se fortaleceu na cadeia. Firma foi palavra e forma de convivência que aprendi recém-chegada na cadeia de papel. Passeei por todos os plantões — são quatro equipes, até parar neste que assumi como meu. Se não fiz firminha entre vocês, pois nos relacionamos como em uma firmona, tive que viver em firma com donagente gerente, donagente pit bull e donagente gigante. Não estou lhe contando nenhuma novidade, só pude conviver com vocês soltas, na massa do banho de sol, trocar cartas sem fiscalização ou passear com o corre solto com rodo porque a firminha de preto me protege. Elas me vigiam, é verdade, não sou tola — enquanto estou aí fuxicando na porta da bocuda,

elas lançam um zoom indiscreto para fazer leitura labial do que converso. Ninguém me contou isso, eu que fantasio.

Você já viveu os dois tipos de firma aí dentro. Com Pikena, a firma é sólida e do seu tempo de rua em que fugia do Conselho Tutelar. Debandar do Conselho Tutelar é ser peba de cadeia, só se vira bandida quando se escapa da polícia. A firma com a menina tímida foi de outro jeito: vocês se conheceram aí e, de tão desconfiada, a menina tímida parecia muda. Era uma menina doce com abraço apertado, sobre quem sempre insisti não ter sido a autora do crime terrível, mas crime alheio assumido para afugentar cadeia de gente grande. Como não sou investigadora, permaneço discreta na crença da inocência, se não do ato, ao menos das intenções. Com Pikena e a menina tímida, você dividiu o último barraco da esquerda.

Já presenciei firmas provisórias, aquelas que se formam em crises ou jogadas. Não há laços de afeto ou guerra de sangue envolvidos, mas necessidades e interesses temporários. A maconha que flagrei não envolvia sua firma: foram os barracos do início do módulo que circularam o fósforo e os cigarros encartuchados. Só lhe sobrou o dever de não caguetar em caso de esparro, e de sobreviver à fumaça sem trago. Como não houve esparro, eu passei no teste da lealdade. Meu acordo com donagente gerente é de não caguetar segredo de módulo e de só interferir em situação de risco: por isso, pedi tanto para que me entregassem os fósforos e o isqueiro. Não sabe meu alívio quando elas me entregaram os palitos queimados e deram baixa nos cigarros de maconha. Não há saída de emergência neste lugar — em caso de fogo, os barracos viram gavetas de crematório.

– DEBORA

|13| a fiel | a pikena

Existem pessoas que ficam um bom tempo na nossa vida, fazem tanta coisa e diferença que acabam nos deixando com lembranças impossíveis de esquecer. Existem pessoas que passam rapidamente pela nossa vida, mas foram tão importantes que acabam se tornando inesquecíveis. Eu conheço uma amiga há muito tempo, que na minha vida fez diferença desde o dia em que eu a conheci. É uma grande amiga que, como eu, desde nova, enfrenta o mundo sozinha, e as circunstâncias da vida ajudaram nós duas a nos conhecermos.

Lá fora, era eu e ela, lado a lado, tentando passar pelos obstáculos da melhor forma e fazendo dos dias infelizes histórias para contar no futuro. As circunstâncias da vida ajudaram nós duas a nos conhecermos. E as surpresas da vida, de uma forma infeliz, nos juntaram de um jeito que nunca tinham feito antes. Atrás das grades, dividindo o mesmo quarto, estamos eu e ela, minha grande amiga. As grades nos separaram por um tempo, e as grades nos juntaram novamente. Não queria hoje estar dividindo uma cela com ela, queria que ela estivesse na rua vivendo uma vida diferente e feliz; porém, nossa realidade é outra, e hoje, dentro da internação, estamos uma confortando a outra nos momentos difíceis, tentando passar pelos obstáculos da melhor forma.

Eu gosto dela, eu confio nela, ela é uma das pessoas que mais me ajuda aqui, que faz diferença na minha vida. Aqui dentro é bom você ter alguém de sua confiança ao seu lado em qualquer situação, alguém que você possa contar. Aqui dentro, uma amiga é essencial — seja para dividir momentos de tristeza, quando a saudade da família bate, ou momentos de alegria, quando recebe um benefício. Uma amiga é uma enorme força. Ela é uma grande amiga que já conheci antes de vir pra cá, mas, além dela, tive outra que também me deu muita força quando precisei. Hoje, ela não está mais aqui, porém a sua amizade pretendo levar para além desses muros, pois, apesar do pouco tempo que a conheço, ela

é importante e já se tornou inesquecível na minha vida. Mesmo tendo derramado lágrimas com a sua partida, não pude ficar mais feliz do que fiquei sabendo que ela iria continuar a sua vida longe daqui.

E a essas duas amigas fiéis, só tenho a agradecer por terem dividido lágrimas e sorrisos comigo, por terem me ajudado nos momentos em que precisei de alguém. Hoje, uma não está comigo, mas ter acordado ao lado dela e ter dividido momentos bons e ruins deixou meus dias mais alegres nesse lugar. Tornou mais fácil encarar o dia de amanhã e fez o tempo passar mais rápido. Não posso esquecer que estamos aqui hoje, mas amanhã estaremos lado a lado em liberdade. É só aguardar que dias melhores virão. Estamos juntas nessa, uma nova história diferente do que a gente já viveu.

– TALIA

Eu sei que uma dessas amigas é a Pikena. Duas Pikenas já dividiram barraco com você — a primeira foi a habitante mais longa da cadeia de papel, só foi liberada pelo limite de três anos de internação. Era um terror em formato de menina, com cinco meses no mundão já caiu na cadeia de mulher adulta. No primeiro benefício de dia das mães, fez a ousadia de invadir loja com carro roubado em marcha a ré. Você está diferente do tempo em que viveu com ela, você era mais abusada. Talvez tenha sido por isso que inventou a ideia do diário com "tudo você quer saber". Não entendi bem a tática de donagente gerente ao colocar vocês duas juntas: seria para controlar a xerifa e a robozinha no mesmo barraco?

Só com a chegada da segunda Pikena é que me dei conta de como se escreve o nome. A Pikena é menina forte, me oferece proteção eterna em troca de nosso encontro e tem lealdade que sangra no corpo. Escritora fiel, não chego aí sem receber cartas gigantes para ler e responder. Madruga para despedida quando saio no Confere de Efetivo das seis da manhã; você nunca se deu conta de que eu sombreio donagente a cada "Jovem, seu nome". É sempre um calado como resposta. Seu sono ignora o procedimento, por isso donagente pit bull exagera no Confere, exige nome e sobrenome, "Jovem, seu nome", "Jovem, seu nome completo", assim mesmo em sequência. Se a menina enrolar muito, já vi conferir até dia de nascimento e nome da mãe.

O Confere para a Pikena é outro encontro: na bocuda, se comporta como minha protetora, "Vá devagar, olhe o trânsito, quando a senhora vem de novo?", ela sabe que é daí a três dias, mas insiste na pergunta. "Traz um livro, me escreve?", tudo isso sai sem respiro entre as palavras. Faz questão de lembrar que nada de romance doce como os seus, mas histórias policiais com suspense; da Agatha Christie tem até foto pregada com pasta de dentes. Mas fala sempre em voz miudinha de sussurro na madrugada. Ao final, me enche de beijos, pendura-se no comungó e de lá me olha fazer a curva. Pikena se despede como se eu nunca fosse voltar, como se aquele fosse sempre o último encontro. Aquela sombra escondida entre comungós me acompanhava pelo dia que teimava em amanhecer tonto depois de um pernoite na cadeia de papel.

O apelido Pikena foi convocação sua, e veio do tempo do Túnel. Foi ali que vocês se conheceram. Para ser uma pikena é preciso ser menina miúda, mas também iniciante no crime. Ela chegou sem proteção, tolinha ainda. Na primeira batida da polícia seria pega, se não fosse você a anunciar que aquele jogo era seu, e o território era minado. Já fugiram juntas do Conselho Tutelar, escaparam da polícia, apanharam em barca infestada de spray de pimenta. Pikena ainda sofre ao lembrar o dia em que a polícia cortou o cabelo dela depois de um flagrante de droga, uma história de abuso vivida por outras meninas: para escapar do flagrante, a menina se apresenta como puta, o policial raivoso pede serviço em troca da mentira; na despedida,

arranca-lhe o cabelo como um troféu de guerra. Se eu me inquieto pensando sobre qual será a sua vida depois daí, me angustio em imaginar o futuro de Pikena — a menina é só, e solitária não recebe visita, a família vive longe, parece até que já a esqueceu.

– DEBORA

|14| a cicatriz | o grito

Ainda tenho as cicatrizes no meu braço. Cicatrizes de uma época da vida em que eu me machucava para descontar a dor que sentia por dentro. Eu tenho muitas cicatrizes pelo corpo, cada uma delas tem uma história: tenho cicatrizes de atropelamento, de infância, quando andava de bicicleta, de briga, de queda, de queimadura, de machucado, de cinzas de cigarro, de arranhão e de cortes. Todas me trazem lembranças ruins. Com o passar do tempo, elas vão ficando mais claras, algumas até somem, mas é bem difícil esconder.

Quando as pessoas notam as cicatrizes do meu braço, não falam nada, não comentam nada, e, se não fosse pelo olhar constrangedor que vai do meu braço para o meu rosto, eu não perceberia que elas notaram. Vejo a curiosidade no rosto das pessoas, e o olhar de compaixão que elas me mostram. Acredito que elas pensam que minhas cicatrizes no braço são lembranças de uma tentativa de suicídio fracassada, o que não é verdade, pois nunca tentei me matar, mas não tiro a razão das pessoas por pensarem assim. Eu não tenho vergonha das minhas cicatrizes, só não gosto da ideia das pessoas pensarem que tentei tirar a minha própria vida ou algo do tipo. Na verdade, eu queria que quando elas reparassem no meu braço perguntassem o que aconteceu, mas sei que as pessoas ficam envergonhadas. Gostaria que elas soubessem a verdade e não pensassem que sou uma menina desequilibrada que já tentou suicídio.

Eu não sou frágil nem desequilibrada, só passei por um momento difícil quando tinha dezesseis anos e me cortava para poder sentir dor fisicamente, para ver se aliviava a dor que estava sentindo emocionalmente. Não sei se vai fazer sentido para você, mas, naquele tempo, além de fazer sentido, era a solução para mim. Depois dessa época da minha vida, eu li um livro chamado "Objetos cortantes", que fala de uma mulher que desde a adolescência escrevia palavras no corpo com a faca. Ela tinha o corpo todo rasgado, menos o rosto, e só vestia calças e blusas de frio para esconder

as cicatrizes, pois tinha vergonha delas. Depois, ela descobriu que aquilo era uma doença e foi se tratar. No meu caso, aconteceu só naquele tempo, pois nunca mais me cortei. No dia em que vieram fazer uma reportagem de televisão comigo, eu percebi que dava para ver bem direitinho as cicatrizes no meu braço. Como já te falei, eu não tenho vergonha delas, pois fazem parte da minha história, da minha vida. Eu só gostaria que as pessoas soubessem a verdade sobre cada uma delas.

– TALIA

Como saber a verdade sobre cada uma de nossas cicatrizes? Você sente que as suas gritam aos olhos de quem as vê, pois foram dores que marcaram. Sei que não vai acreditar em mim, mas eu nunca as havia notado até que a sua carta me chamasse a atenção para elas. São muitas e paralelas, fininhas e rosadas, sugerindo um corte pensado. Como é canhota, as linhas estão no pulso direito. Suas mãos não cansam de mexer nos meus cabelos ou alisar meu rosto, mas nem assim percebi a sombra do passado no corpo. Sempre concentrei minha atenção em suas unhas de faca, resistentes aos anos de quebrar pedra, ou no cheiro de lavanda do seu barraco.

Suas linhas são comuns entre as meninas na cadeia de papel — muitas já chegam com o corpo lenhado de casa ou da quebrada. Soube que seus cortes vieram do tempo no m6. Donagente pit bull me conta drama e diz ter sido salvadora: você era temida, indisciplinada e ousada para o certo do certo. Recusava comida, o jejum era já prolongado, e a raiva fazia crescer os olhos inchados. O castigo foi ficar de pé no pátio, sem direito a se mover, com pouca roupa e algemada, e ali permaneceu horas. Ameaçava suicídio assim

que soltassem os ferros que assavam os cortes. Donagente pit bull a velou noite e dia, não houve suicídio falhado.

Camille Preaker, de "Objetos cortantes", tem loucura própria, a pele não era lenhada, era tecido para escrita. Em comum, entre Camille e você há o sentimento de alívio pela pele ardida, mas o seu corte é de angústia pelo desamparo; o dela é ficção de psicopata. Já falamos disso, você insiste em outra origem para o seu presente, repete "fiz porque quis", eu lhe retruco não por piedade, mas por duvidar que menina de onze anos perambule pela rua ou fuja da escola por vontade própria. Camille era louca, você é uma menina angustiada. Os cortes são a memória do abandono. Por isso, você também não é a menina louca da cadeia de papel; não houve loucura nos seus traçados do pulso.

A menina louca da cadeia de papel é como Camille, os cortes são inscrições com conteúdo. A mais recente delas foi "foda-se". Ela fez questão de me chamar à bocuda para o gesto solene de levantar a roupa e me fazer ler a palavra em voz alta. Sem querer, lá estava eu xingando. Encabulei-me da armadilha, pois eu passei a xingá-la, o que deveria ser direcionado a mim, e por pudor não toquei a ferida acesa. Ela me detalhou como fez a proeza: quebrou colher de plástico que acompanha comida e afiou a ponta na parede. Em gozo, atravessou madrugada entalhando o corpo.

A conversa foi séria e com jeito de segredo até aqui, por isso me permita estranhar o seu pedido de que as pessoas perguntem sobre a origem de suas cicatrizes. Por bons modos ou discrição, desconheço quem olhe corpo alheio e inquira sobre origens de formas, cores ou volumes, menos ainda de traçados que sugerem sofrimento passado. E há mais: não é preciso seu texto sobre os cortes para afugentar fantasma de menina suicida ou desequilibrada. Essa personagem não combina com a menina xerifa.

– DEBORA

|15| a recém-chegada | a lenda

Eu só estava com raiva. Eu só estava estressada. Qual é a menina que vai ficar feliz tendo acabado de ser presa e sabendo que corre o risco de pegar uma sentença de seis meses a três anos? Não existe essa. Mesmo assim, eu queria ficar tranquila, quieta no meu canto. Eu tinha acabado de chegar no m6 e tinha visto altas amigas minhas que também estavam presas. No passado, eu já tive certa fama de pavio curto na internação. Por essa fama, assim que cheguei na unidade e falei com minhas amigas, as agentes já pensaram besteira e, antes de qualquer coisa, me isolaram no pavilhão disciplinar (pd).

O pd é um local isolado do corredor, que tem dois quartos. O pd é usado para medidas de adaptação e medidas disciplinares. Em alguns casos, para meninas que não conseguem conviver com as outras. Eu era nova, não pensava nas consequências e não queria nada com a vida. Mas isso é passado. Me colocaram lá sem eu ter feito nada. No começo, eu cheguei a pensar que era só por algum tempo, mas conforme os dias iam passando eu vi que ficaria ali até o dia de eu ir embora. E, como se não fosse o bastante, não colocaram nenhuma menina na minha frente e me proibiram de ter qualquer contato com as outras, ou seja, qualquer atividade que tinha, eu não podia participar. Tudo isso porque falavam que eu ia aprontar com as meninas. Eu não tinha feito nada ainda, mas a minha cadeia estava pesando.

Não aguentava mais ficar sozinha. Pedi para a gerência me colocar no corredor com a palavra de que nada ia acontecer da minha parte. Mas eles não mudaram de opinião. Eu me descontrolei. Isso só piorou a minha situação. As agentes me acusaram de coisas que eu não era. Eu odeio ser julgada. Eles falavam que eu exercia uma influência sobre as outras meninas. Eles confundiam respeito com obediência. Ninguém fazia o que eu mandava. Elas me consideravam e me respeitavam, é diferente. Mesmo assim, as agentes diziam que eu era a xerifa, que eu mentia. E até hoje

não sei direito como surgiu essa história, você sabe? É horrível ficar sozinha em um quarto. É horrível não sair desse quarto para nada. Eu acumulava tanta raiva das agentes que me machucava. Eu me cortava para poder aliviar um pouco o ódio que eu sentia; todo dia fazia um corte diferente no meu braço. Não era por depressão ou vontade de me matar. Era raiva. As agentes me acusavam de coisas que eu não fazia e que eu não era. Fiquei 45 dias no pd. Todo dia eu fazia um corte diferente no meu braço. Até hoje ainda tenho as cicatrizes.

– TALIA

Eu deveria começar esta carta lhe pedindo desculpas por ter falado dos seus cortes de jeito diferente do que me contou. Você foi discreta ao falar do passado, lembrou tristeza dos dezesseis anos, mas não falou de cadeia, só de dores sem causa. Fui eu que lhe provoquei a memória do ódio da chegada provisória, dos 45 dias em barraco solitário, dos 45 cortes no pulso. Preciso ser honesta, me deu alívio a minha indiscrição — confessei minha convivência nos dois mundos da cadeia de papel: a firmona com vocês, a firminha com donagentes. Foi do encontro entre memórias que soube de seu sofrimento da chegada, e você foi gentil em não prestar contas sobre quem me contou.

O pd é um lugar que me entristece, ali tem jeito de monastério sem o alívio divino. Talvez seja mais parecido a um purgatório. Menina recém-chegada passa cinco dias em solitária, o rito tem nome de adaptação. Nesse tempo da passagem da rua para a cadeia, se vive a abstinência, o isolamento e o sono profundo. Sempre se dorme muito no pd, desconheço explicação científica, não

sei se é a química pela falta de pedra ou escama. Ali se conversa apenas com a vizinha da frente, caso haja outra recém-chegada ou menina em castigo disciplinar. Se não houver, a solidão é absoluta — banho de sol, comida, até visita é isolada. Menina inexperiente em cadeia e peba do crime desiste até de viver. O que resta é escrever nas paredes, pode ser com unha limada do comércio de crack ou com lápis contrabandeado. Você escavou no pulso o que é desenho obrigatório em parede de provisória: os 45 traços dos dias de espera.

O seu tempo de pd foi o mais longo da história da cadeia de papel, 45 dias, o limite que uma menina pode permanecer no m6 como provisória à espera da sentença judicial. Foi aí que ficou sem comer, se cortou, gritou, escreveu e pagou homicídio à donagente gerente de segurança. Sua fama lhe antecedia, donagentes e meninas já sabiam que uma mãe do crime havia caído. Você estava em cumprimento de medida em meio aberto, a semiliberdade, mas uma denúncia anônima caguetou que tinha pistola, balança e dinheiros em sua casa. Acho que o nosso encontro não prestaria se tivéssemos nos conhecido nesse tempo — não haveria livros, nem esperança, só fissura de retorno à rua.

Não entendi bem o que você desconhece: se a origem da lenda de xerifagem ou se os rumores de que mentia ao chegar no m6. Você é xerifa, talvez tolice seja anunciar desse jeito. Há sentidos ambíguos para o título de xerifa, aquilo que já falei de liderança positiva e negativa que me explicaram por aí. Há mais: ser menina xerifa impõe respeito e desconfiança. Você diz que donagentes confundem respeito e obediência, mas a verdade é que elas ignoram o sentido de consideração. Você é uma menina considerada. Ser uma considerada é ser alguém respeitada no certo da cadeia e do crime, é alguém que conhece os mandamentos da cadeia de papel antes de viver na tranca. Foi porque não caguetou, não passou pano para polícia ou não esparrou parceiro que sobreviveu ao Túnel. Você é uma considerada do mundão.

– DEBORA

|16| a comida | a humildade

Eu sinto falta de olhar o céu à noite. Eu sinto falta das estrelas e da lua. Eu sinto falta de caminhar sob a luz do sol. Eu sinto falta de ter o livre-arbítrio de ir aonde eu quiser. Sinto falta de tanta coisa. Aqui dentro a gente aprende a valorizar pequenas coisas que lá fora não tinham muita importância. Até da comida eu sinto falta. A comida daqui é sem tempero, sem gosto. De segunda a sexta, a comida vem no hot box, onde você pode se servir do jeito que achar melhor. Nos finais de semana e feriados, a comida vem dentro de uma marmita, a xepa, que é pior que a comida do hot box. Mas, nos dois casos, o cardápio não tem muita variação, e a gente acaba enjoando da comida.

Será que é pecado dizer isso enquanto tem muitas pessoas no mundo passando fome? Acho que sim. Eu não deveria achar essa comida ruim, apesar de ser só fermento e que, além de não ter gosto e ainda engordar muito. Mesmo assim, tem pessoas no mundo que gostariam de ter essa comida, então não vou reclamar mais. Agora me lembrei de um dia que teve um evento aqui na unidade e que eles fizeram doces e salgados, bem gostosos, para a gente comer. Estou tão acostumada a comer a comida daqui, sem tempero, que quando fui comer os doces e salgados meu estômago não segurou nada e passei mal. Imagina quando eu sair e for comer a comida da rua, vou passar mal mesmo.

Para não dizer que só comemos a comida daqui, os nossos familiares podem nos trazer uma cobal em dia de visita, que inclui biscoitos sem recheio, banana, pera e laranja, doce, peta, refrigerante e bolo. É bom quando recebemos cobal, pois se pode comer uma comida diferente da rua. Geralmente a cobal não dura nem quatro dias. A gente come rápido, mas se deixar, também, a cobal acaba estragando, pois não tem geladeira. Acho a sua decisão de não comer carnes legal, eu bem queria conseguir ser vegetariana, mas tenho certeza de que não ia dar conta por muito tempo. É por isso que você é magrinha, se alimenta bem, e é controlada, admiro isso em você.

Como é que pode, a gente só dar valor ao mundo quando perde o que tem? Agora o tempo está fechando, logo, logo vai começar a chover, e o que eu mais queria nesse momento era poder tomar banho de chuva, sentir as gotas de água gelada caminhando pelo meu corpo e poder gritar, gritar bem alto, depois correr. Era tudo o que eu queria neste momento. Porém, nem tudo acontece do modo como a gente quer. Agora começou a chover e, ao invés de eu estar debaixo da chuva gritando e correndo, estou sentada pendurada no murinho do chuveiro, vendo os pingos de chuva caírem pelos comungós, deixando o ventinho entrar e bater no meu rosto, escutando os barulhos do relâmpagos. Sinto falta das estrelas e da lua. Sinto falta da liberdade.

– TALIA

Há uma frase que você nunca me escreveu, mas adora gritar quando saio daí: "Não faça nada que eu não faria". Acho graça e já ensaiei repeti-la de volta, a rejeição foi no ponto preciso, "Assim, nem carne eu vou comer". Comida é uma questão entre nós: por um lado, vocês estranham alguém ser vegetariana; por outro, sofrem por ter pouco para me oferecer quando passo horas conversando. Chegamos a um acordo — aí não é casa e eu não sou visita, assim não precisam dividir comigo o pouco que têm. Não importa que a cobal da semana tenha sido farta ou que o biscoito não tenha leite. Fora daí, comeremos juntas; enquanto houver grades, a comida é só de vocês.

Esse não foi um pacto fácil. Primeiro, porque há um teste de reconhecimento pela comida. Partilhar o que vem do hot box ou da xepa não é só comer junto, é ser aprovada na peneira de alma sebosa — "a senhora não tem coragem de comer a nossa comida". Se

não provo o que comem, é porque sou esnobe. O teste é um pouco cruel, peço justiça, pois você mesma assume a comida como sinistra: bife dos oião, boi ralado, bolinho da morte, carne de monstro, carne de pizza, xernobiu, marrocos, mata-rato, moreninha, pedera não são apenas jeitos de falar de cadeia, mas palavreado para descrever estranheza ao cardápio da rua. Come-se porque não tem jeito, e quem reclama não é peba luxenta. Há dias que basta ter olfato para rejeitar o prato estragado ou o frango piando.

Mas há outra razão para eu recusar a comida. Cobal da semana é propriedade cobiçada. Estou aí há quase um ano, em mais da metade dele você não tinha visita, mas nunca faltaram os bens esquecidos pelo sistema — desodorante, xampu e creme de cabelo, biscoito ou fruta. Não fiz pergunta, esperei para entender como se organizava a distribuição da cobal. Eu nunca a vi charlatar comida, mas seu barraco era de fartura. A chegada da menina tola foi peça decisiva. A menina tola caiu por malfeito grave, era amante de homem adulto e experiente de prisão. Por um tempo, a menina tola manteve-se como a novinha do módulo, quatorze anos e muitas espinhas no rosto. A mãe tinha idade de ser avó e a miserável passava o final de semana como visitante: sábado na cadeia de papel, domingo no presídio masculino. A mãe da menina tola vinha carregada, descia da saleta da revista vexatória pesada de sacolas.

A cobal da menina tola era desapropriada após o fim da visita. Não sei se a distribuição era conversada na família e, por isso, as coisas já chegavam para necessidades de outras e não só dela. A verdade é que a menina tola não tinha escolha, mas também não posso dizer que fosse oprimida. Uma regra do mundão é a humildade, pois não há isso de sobreviver sozinha. Não sei dizer se humildade tem origens religiosas ou marciais; tanto faz, aí dentro são ordens parecidas. Ser humilde é "comer no mesmo prato da vizinha", "agilizar a parada", "ficar de boa", "saber puxar cadeia". De todas, a melhor é a que define ser humilde como "pelo certo", por isso menina caguete, com ou sem visita, vive em pobreza e não faltam estigantes à xerifa e sua firminha.

– DEBORA

|17| a tortura | os direitos humanos

De vez em quando, vem um pessoal para fiscalizar a unidade. Eles vêm investigar como está sendo a nossa rotina, se está faltando alguma coisa, ou se temos alguma reclamação a fazer. Na teoria, a intenção é boa, mas na prática não adianta, pois nada é resolvido. Quem vem fazer essas visitas é o Ministério Público. Não tem um tempo muito certo para eles virem; eles chegam de surpresa para fazer a supervisão.

Quando eles vêm, perguntam "Como está a escola? Banho de sol? A unidade está dando produtos de higiene? Está faltando colchão e coberta? Tem alguma denúncia que vocês queiram fazer?", e por aí vai. Bom, esse é o diálogo quando eles vêm nos visitar. Eu digo que não resolve nada porque quando a gente fala que está faltando produtos de higiene, eles nos respondem, "Já recebemos muitas denúncias quanto a isso, mas, por enquanto, não temos como resolver, pois está havendo uma crise que está afetando todo o país". Então, se já sabem que está faltando, por que perguntam? Se a gente fala que não frequenta a escola todo dia por falta de agentes, eles nos respondem, "Infelizmente, esse é um problema que não podemos resolver", e assim por diante.

Quando eles vêm aqui, eu não falo nada, digo que está tudo bem e que não estamos precisando de nada. Além deles, durante a minha sentença, duas vezes tivemos a visita de comitês de tortura da ONU. Eles vieram com quase a mesma conversa do Ministério Público, "Está acontecendo alguma coisa? Podem falar o que vocês quiserem, não vamos contar a ninguém quem falou..." Tudo bem, se não vão contar a ninguém quem falou, como vão resolver o problema? Enfim, eu não sofro nenhuma agressão física aqui, mas, se sofresse, não me sentiria à vontade para contar a eles. Nada contra, é que simplesmente acho que eles não iriam conseguir mudar muita coisa.

Eu li a história de Malala. Ela teve que fugir do Afeganistão para falar e a ONU escutar. Podem existir leis lá fora, mas a partir do momento que a gente está aqui dentro é sob as leis e regras deles: os agentes de segurança. Ninguém vai estar do nosso lado 24 horas para fiscalizar e impedir alguma coisa de acontecer, quem decide aqui são os agentes. Eles falam e a gente é obrigado a obedecer e ninguém vai poder mudar isso, nem hoje e nem amanhã, pois quem abre a porta do quarto e faz a escolta para onde a gente for, todos os dias, são os agentes. Como já falei, não sofro nenhum tipo de agressão física, mas não posso dizer o mesmo de uma agressão psicológica. Tem muita diferença entre as duas? Uma machuca o corpo, a outra machuca a mente. Os agentes é que mandam na unidade. Tem como eu falar alguma coisa para as pessoas que decidem até a entrada da minha família para a visita? Ou quantas coisas posso ter dentro do meu quarto? A gente é dependente deles para tudo.

– TALIA

Eu estava no aquário com donagentes quando a turma da ONU chegou. Eram coletes e bonés azuis, a cor da missão de paz. Eram homens e mulheres muito diferentes, um tradutor fazia as honras entre eles e vocês. Gentis, é verdade, mas se comportavam como "os direitos humanos", esse grupo externo que inquieta donagentes por não serem capazes de entender a complexidade desse lugar. Assim que cheguei, meus modos levantavam suspeitas de ser eu também uma "direitos humanos" — o caderno, a máquina fotográfica, o gravador. Além dos modos, os meus pedidos inusitados de ficar sozinha com as meninas no banho de sol, de não ter donagente em minhas conversas, de permanecer horas no corredor conversando de bocuda em bocuda. De diferente, só havia a cor: eles, azuis; eu sempre vesti preto. E foi a roupa preta que fez a

vistoria dos "direitos humanos" me tomar como uma donagente. A experiência me desconcertou, preciso confessar.

Eles chegam sem avisar, o anúncio é de susto pelo rádio, "Inspetores da ONU na unidade". A boca pequena entre donagentes traduz o alerta em linguagem local, "Eles podem tudo, abrir armário, conversar, entrar e sair". A missão é para investigar tortura; a palavra é maldita pelos maus tratos e pela acusação que carrega. A lei descreve como tortura práticas humilhantes e degradantes para fins de confissão, e torturador é representante do poder do Estado. Na cadeia de papel, torturador pode ser qualquer técnico de segurança ou psicossocial, mas há uma presunção de que torturador é o que veste preto. Não vou aqui contestar estatística de horror, há concentração de torturadores entre os agentes — raros são os abusadores que vestem outra cor.

Você diz nunca ter vivido tortura por aí, eu também não a presenciei. Falo da banda feminina, preciso ser clara. Mas, assim como você, me inquieto sobre as maneiras de investigar o crime: "você é torturada aqui?", talvez seja a pergunta. Os modos devem ser melhores; desconheço, pois, por vestir preto, fui proibida de permanecer nas investigações. O preto me deixava suspeita, o que, curiosamente, me ofendeu. Queria poder gritar, "Ei, eu não sou torturadora, só visto preto porque sou pesquisadora, também sou direitos humanos". Tudo me parecia tão tolo, eu mesma me senti ridícula. Senti vergonha do que já fiz ou pensei ao transformar as relações de poder em binarismos simples com bom e mau.

Eu sou direitos humanos, me permita aumentar os títulos para descrever o que faço. Ao ser provocada pelos modos de quem admiro, os bonés azuis, me envergonhei sobre como trabalhamos: o que se consegue com as perguntas? Relatórios do óbvio — falta de camas, comida ou excesso de tranca. Eu já li vários desses relatórios, como li sobre as escolas de Malala, mas foi a voz da menina o que mais me inquietou sobre o horror da violência. Prova de tortura não se recupera por visitas esporádicas e escutas que não desligam as câmeras de monitoramento. Os comungós são como um telefone sem fio, donagente pode contornar o módulo e escutar os detalhes do confessado. Tolo é o seuagente a fazer uso de práticas

medievais de tortura, há métodos mais eficazes e sem provas de abusar de um menino indesejado: basta deixá-lo dormir uma noite com o seu desafeto de sangue no mesmo barraco. Se for espancado, violentado ou morto, não foi pelas mãos do Estado, mas por briga entre pebas selvagens.

– DEBORA

|18| o túnel | a escolha

O estacionamento parecia um Túnel. Embaixo, prédios e comércios; em cima, a sociedade classe média. Escondidos no estacionamento, os escravos da droga maldita, o crack. Um estacionamento fedorento, cheio de ratazanas, lixo, água de esgoto e necessidades humanas. Nesse lugar, durante o dia, vivem muitas pessoas, todas usuárias de crack. A população que anda em cima, geralmente a trabalho, aprendeu a ignorar e lançar olhares repugnantes às outras pessoas que frequentam aquele lugar. O estacionamento, o Túnel. Você me perguntou, mas não me lembro da primeira vez que cheguei ali.

Eu frequentava aquele lugar. Mas, diferente dos escravos da droga, as pessoas de cima não me ignoravam. Eu chamava atenção quando cheguei ali. Eu tenho pele clara, me considero parda, cabelos até os ombros, tenho altura e me visto semelhante às outras adolescentes que também andavam na parte de cima. Eu tinha o costume de entrar no Túnel, esticar uma coberta e me sentar. Ficava lá o dia inteiro, até a minha droga acabar. É isso aí, lá mesmo que eu vendia droga. E, naquele Túnel, o vem e vai de carros era constante. As pessoas faziam cara de espanto ao me ver. Acho que elas não acreditavam em como uma menina com tal aparência podia estar naquele lugar. Mas a realidade é que a aparência engana muita gente.

No começo, quando cheguei ao Túnel, eu saía no horário do almoço, ia comer nos restaurantes que ficavam na parte de cima, mas depois as pessoas nos restaurantes começaram a me lançar olhares repugnantes. Eu já não chamava mais atenção. Elas se acostumaram com a minha presença e aprenderam a me ignorar, igualmente como faziam com os escravos do crack. Típico das pessoas, se limitavam a me lançar olhares reprovadores, sem saber o motivo de eu estar ali. Que seja esclarecido, não é nem um pouco legal, dia após dia, viver em um esgoto. Eu simplesmente me acostumei àquela vida, e não me importava com o que tinha que

passar. Como não me sentia mais à vontade para ir aos restaurantes, eu segurava a marmita que os escravos da droga traziam, os noiados. Eles pediam comida nos restaurantes e trocavam por droga dentro do Túnel. Com isso, eu ficava o dia inteiro lá dentro e só saía com alguma intervenção policial.

Por viver no Túnel, conheci a rotina dos moradores de rua. Eles acordam, pedem comida a alguém, depois tomam banho em baldes com água (ali mesmo, no Túnel, de dia, na frente de todos), que são buscados nos postos de gasolina, e depois começam a ir atrás de dinheiro para comprar droga. Uns roubam, outros pedem, umas se prostituem, outras fazem favores. Quando pegam no dinheiro, gastam tudo com o crack, ficam dias e dias acordados usando droga, só dormem quando não aguentam mais. Depois de acordar, começam a rotina novamente.

Não é qualquer vendedor de droga que fica naquele lugar, pois é muito fácil ser apreendido. Dá pra contar nos dedos quem vendia droga no Túnel, e todos eram menores de idade. Eu era um deles, a que ficava mais tempo no Túnel e a que mais demorava a ser pega. Não estou contando vantagens, mas ali era praticamente a minha segunda casa: conheço todos os esconderijos e todas as pessoas que frequentam aquele lugar, o Túnel.

No Túnel, acontecia de tudo. Eu tinha que brigar com homens para permanecer ali, homens que faziam qualquer coisa para conseguir a droga. Qualquer coisa. No começo, me aceitaram, pois pensavam que eu era uma menina boba, que não ia fazer diferença estando lá. Mas se enganaram. Eu fiz muita diferença desde o primeiro dia em que pisei ali. E aqueles que me aceitaram ficaram com inveja e faziam de tudo para eu me afastar dali. Mas eu não tinha medo, minha vida já era uma merda, não podia piorar. Era assim que eu pensava. Quando viram que não poderiam fazer nada, resolveram se juntar a mim.

Antes uma aliada do que uma inimiga. Eu via a maldade no olhar daquelas pessoas e, obviamente, não confiava, só fingia. Depois de muito tempo no Túnel, essas pessoas ainda tinham maldade comigo. Mas, além delas, também tiveram pessoas que me acolheram

e, com o tempo, ganhei confiança e proteção. No Túnel, os noiados também mandam, pois, além de serem compradores e escravos da droga, são a maioria daquele lugar. O Túnel não funciona à noite. Ninguém frequenta o Túnel à noite. Ninguém. É muito perigoso e escuro. À noite, você só vê um Túnel vazio. Foi minha opção ficar no Túnel, mas não minha escolha.

– TALIA

"Uma menina está perdida no seu século à procura do pai", um título longo para uma história imaginada há mais de meio século. Hanna é uma menina deixada pela rua, abandonada por um refugo de guerra, que não perdeu tempo para contar detalhes sobre como sobreviveu — eu a imagino uma jovem mulher, você a imaginou mais infantil. Ela tem Síndrome de Down e foi deixada na rua com uma caixa de cartões sobre como humanizar-se, "faça isso, tome banho assim, coma tal coisa". Você não foi deixada por ninguém no Túnel, chamou até de opção a primeira ida ao esgoto, mas foi precisa em encerrar conversa, "não minha escolha". E a sua carta não é de ficção, é lembrança da rua.

Sabe, eu rejeito quem se apresenta como menina bandida por escolha. Quando ouvi a menina chochinha dizer que arrancou os olhos da vítima porque quis, das duas uma: ou eu havia conhecido a maldade do mundo em um projeto de gente aos treze anos, ou ela não entendia bem o que era descrito como vontade própria. Pedi mais detalhes da história e aqui transcrevo o que ela me narrou pela bocuda, "Me casei aos onze anos, nem moça eu era ainda. Me separei, casei de novo com meu marido de hoje. Ele tinha 34 anos, me pediu ajuda para matar. Ele deu a primeira facada e me

mandou fazer o resto". Insisti nas minúcias, queria saber quem era o desafeto e as razões da morte, "Sei não, d. Debora, não conhecia a vítima. Devia ser guerra do meu marido".

Li a sua carta pensando em Hanna, a personagem de Gonçalo Tavares, e acabei misturando as minhas lembranças às histórias da menina chochinha. Você não foi abandonada como elas, tem parentes, alguns no mundão, outros tantos embaixo da terra, um punhado entre grades. Sei pouco da menina chochinha, só que não recebe visita, é forasteira vinda da miséria nordestina. Diferente de Hanna, você não saiu pela rua com uma caixa de sobrevivência para a vida no subterrâneo da capital do país. Chegou ali com sentença de noiado e de polícia, "aqui, você não se cria". Se criou, fez tão grande nome que me escreve sem o nome próprio, pois é conhecida no mundo do crime. A mim não impressiona, pois vejo mais bochechas que valentia; mais a cuidadora de lagarta desaparecida no barraco que a sobrevivente das ratazanas.

De tanto ouvir vocês falarem do Túnel, fui lá. Você me pediu para esperá-la, iríamos juntas, mas eu precisava imaginá-la naquele lugar. Fui sozinha, era dia de chuva, o lugar era ainda mais escuro e fedido. Não andei na parte de cima, onde descansa um posto policial e as pessoas caminham como se não existisse o subterrâneo da vida. Se pudesse, eu teria levado uma lanterna para iluminar o meio-dia: buscava uma menina pálida, com cabelo de chapinha, bochechas altas e ombros largos. Olhei com atenção para cada rosto escondido no cobertor. Eles fugiam da minha inspeção, ofereciam o que tinham, umas pedras miúdas, escondidas na palma. Só havia criança com droga; os grandes eram noiados, os donos do território que só olham para os pés. Olhei para o alto dos postes de luz, os filhotes se penduram por ali, você havia me explicado. Não havia nenhum no céu, mas muitos me farejavam intenções.

Do lado esquerdo do Túnel, há um buraco de sarjeta. Maior do que os outros, foi ali que parei. O cheiro me perturbava, eu não conseguia lembrar de sua voz ou de Pikena sobre as jogadas, as investidas da polícia ou as brigas por território. Senti uma pressão nos ouvidos, parecia que estava num avião despressurizado e não no esgoto do centro da capital do país. A gargalhada de Hanna me

perturbava — do que ela ria, sendo uma menina retardada e abandonada depois da guerra? Desprezei a menina chochinha, como podia me contar a história da matança sem lágrimas de medo? Era hora de ir, os filhotes convocaram os noiados, todos me cercavam, meus calcanhares pesavam, pareciam carregados de angústia. Fui buscar uma menina sem a caixa de sobrevivência, mas acabei tropeçando num trapo imundo de ratazanas.

– DEBORA

|19| o medo | a polícia

Assim que comecei a frequentar o Túnel, fiquei conhecida. Não demorou muito para eu ser enquadrada pelos policiais da área. De quatro em quatro dias, repetem-se os plantões, e todos, sem exceção de nenhum plantão, olhavam para mim depois de uma abordagem e falavam: "Qual o seu nome? Não te conheço, você é nova aqui, é melhor você voltar para o buraco de onde saiu, pois aqui não é do jeito que você pensa, não, o sistema é diferente. Você não vai se criar aqui, não." Eu escutei muito isso quando cheguei ao Túnel. Mas as coisas não aconteceram como eles falaram.

Fiquei muito tempo no Túnel. Os policiais daquela área realmente fazem o sistema funcionar diferente. Eles são diferentes. No começo, eles me abordavam e tomavam a minha droga, meu dinheiro, mas não me levavam para a delegacia, nem perdiam tempo — além de eu ser menor de idade, não era nada ali, não fazia diferença se estava ou não no Túnel, eu era a menor das preocupações dos policiais. Mas isso mudou. "Você não vai se criar aqui." Eu cresci. Com os próprios usuários de drogas, aprendi a viver ali. Aprendi as manhas para evitar ser pega e aprendi como o sistema funciona com os policiais.

Eu não andava com nada de cima, nem droga, nem dinheiro. Os meus flagrantes eram carregados por outras pessoas, de modo que, quando os policiais me abordavam, não me pegavam com nenhum flagrante e, como eu era menor de idade, eles eram obrigados a me liberar. Quero deixar claro que esses policiais que eu estou falando são aqueles que só prendem em flagrante. Eles sabiam que eu vendia droga, mas não conseguiam me pegar com flagrante, por isso não me prendiam. E, como eu era de menor, ficava mais difícil eles forjarem algo para mim, pois, na delegacia, eles dão um pouco de crédito ao que o menor fala, ao contrário dos maiores de idade.

Os policiais que prendem em flagrante sabem de todo o nosso esquema no Túnel. Não sou a única a não andar com flagrante, outras pessoas também fazem isso. Se os policiais não podiam me prender, eles tiravam vantagem em cima de mim: ao invés de me pegarem, eles me cobravam. Dinheiro. Eu pagava para poder ficar em paz no Túnel. Se eles me abordavam com dinheiro ou qualquer outra coisa de valor, eles pegavam e, em troca, me deixavam em paz. "Você não vai se criar aqui, não." Além desses, tinha outros policiais que achavam alguma droga e depois vendiam para nós, por um preço bem menor do que a gente estava acostumado a pagar.

E tinha policiais que trocavam a sua liberdade por favores sexuais. Isso aconteceu com muitas meninas. Os policiais as levavam para o mato e, praticamente, as obrigavam a ter relações sexuais. Essas meninas que passaram por isso não sabiam que acontecia esse tipo de coisa, eram novas no Túnel, sempre foram as novas. Comigo esse tipo de coisa nunca aconteceu, porque o policial que fazia isso tinha um esquema de dinheiro comigo, além de me conhecer há bastante tempo e saber que, além dele, tinha muitos outros policiais do meu lado.

Você sabe que não me orgulho ao contar isso, mas num lugar daquele, você tem que sobreviver e ser esperta. Todos os traficantes de muito tempo no Túnel fazem isso, pois é o único modo de permanecer. Os policiais não cobravam informações de nós (então, nesse ponto, não rolava caguetagem), eles só queriam dinheiro. Além desses, tinha policiais que queriam que você se entregasse sob tortura. Com esses, não tinha esquema, eles te levavam para o mato e te torturavam para você se entregar ou entregar alguém.

Eles chegaram a me levar para o mato umas três vezes, mas como eu não falei nada, aguentei tudo, eles me deixaram de lado e não me levaram mais. Foram atrás de outra pessoa que não aguentasse os joguinhos deles. "Você não vai se criar aqui, não." É claro que todos os esquemas eram falhos, em polícia não se pode confiar, mas eu não tinha outra opção a não ser jogar. Eu aguentei tortura e fui esperta ao dar dinheiro a eles e, em pouco tempo, comecei a ser notada, ganhei respeito. Fui notada e também perseguida.

Nem todos os policiais no Túnel eram assim, tinha aqueles que apreendiam sob investigação. Com esses também não tinha esquema, só um caminho: cadeia. Dinheiro, estupro, tortura, essa realidade entre policiais e traficantes acontece em todos os lugares, nem sempre as três juntas, mas em cada cidade uma delas você encontra. Dinheiro, estupro e tortura. Eu consegui me criar no Túnel, mas de nada adiantou. Eu me encontro presa, sem nada, a não ser lembranças. Não valeu muito a pena. Enfrentei perigo à toa, pois, hoje, nada tenho daquele tempo, a não ser experiência.

"Você não vai se criar aqui, não." Era uma opção, mas não escolha. Eu posso estar onde for, desde cedo aprendi a sobreviver. Podem vir coisas piores, mas vou enfrentar, e não me julgue por isso. Tenho que viver e ainda não estou no meu limite. Com o Túnel, só ganhei experiência, não tenho orgulho, mas consigo sobreviver em qualquer lugar ou situação. Você não é páreo, ó medo, eu vou conseguir, eu vou me criar.

– TALIA

Ó, medo, ela se criou no Túnel.

Ei, seu polícia, o nome da menina é Talia; não a conhecia ainda, mas como?, bastava olhar a cara da menina valente; — que menina esticaria cobertor entre ratazanas, sem proteção de macho e calçada com pistola própria, se não ela?; fiz visita ao esgoto e não vi outra menina por ali; e, me perdoe a ousadia, seu polícia, mas também não vi homem fardado; não tem isso de novinha no esgoto ou

na cadeia de papel, o buraco que a esperava afundou-se, por isso a novinha se transforma em traficante, puta ou defunta; no final, pode ser uma combinação, traficante-puta-defunta; sim, eu sei, no sistema é diferente, nele tem suborno, tortura e estupro, e droga não é só de menina traficante, mas de fardado covarde; ei, seu polícia, a menina se criou, virou bandida, ela agora se revira em uma cela pálida, cresceu entre o esgoto e as grades; há dois anos, vive trancafiada igual a bicho de circo; desgraça, não aprendi direito, culpa de donagente que não me deixa dormir em barraco de peba, por isso erro na lição; não é circo, falta audiência ao espetáculo, ela mais parece bicho de laboratório, é experimento humano, querem ver o que sai dali depois de prender muita menina junta; a menina me escreve diário e cartas, por isso essas letras; ah, quem sou eu? seu polícia, me desculpe os jeitos, é que também escrevo cartas de volta e mudei de ideia quando comecei esta, era para ser dela, o senhor nem existia; apresento-me, sou uma madame da rua, daquelas que andam por cima do subterrâneo, ou parecida a outras que se escondem na escuridão para avivar o comércio; se eu conhecia a menina antes?; não, senhor, elas riem da madame aqui, não há jeito, é assim que pareço; por que elas me riem?; pois nem cigarro fumo, não gosto de bebida, sou tolinha para a esperteza da cadeia; já as conheci em bando, todas enjauladas em lugar que dizem fazer justiça para o malfeito da rua, a cadeia de papel; de novo, peço perdão pelos maus modos, a palavra certa é unidade socioeducativa de internação para adolescentes em conflito com a lei; tenha paciência, por favor, já explico o que estou a fazer, só queria contar o passado conhecido nosso; a menina saiu do esgoto e não foi para uma escola, mas para uma tranca; não só ela, mas muitas delas; a menina vive em uma cela, seu polícia, parecida àquela da barca onde o senhor a obrigava a carregar uma garrafa pet com água nos ombros e a trancava com ar empestado de spray de pimenta; não me entende?; estranho, não parece ser tática ultrapassada, pois uma recém-chegada na cadeia de papel me repetiu semelhante história; explico melhor, menina pega em flagrante, pode ser pistola, droga ou dinheiro miúdo de jogada, tem duas opções, delegacia ou cobrança; na cobrança, seu polícia, o trajeto para o pagamento tem a garrafa com água para ser equilibrada, se cair dos ombros é porque peba tentou marcar caminho olhando pela barca; o spray de pimenta serve para dificultar que

abram os olhos, mas não há pulso algemado que volteie o corpo para acalmar os olhos; seu polícia, não sou investigadora, só repito histórias que ouvi de muitas, e várias vezes com muitos jeitos, isso se chama fazer ciência no lugar de onde vim, por isso anuncio, é tudo verdade; fui para a cadeia de papel para escrever livro, fico feliz que o senhor me leia, seu polícia; não sou tola, só tolinha, o senhor não é o culpado da bandidagem menina, nada disso, fujo de respostas fáceis, e essa é rasa demais para o meu gosto; mas o senhor, seu polícia, veja que uso singular, um homem com patente e idade, é autor de bandidagem nojenta; negociava prazeres medonhos por flagrante; o senhor, seu polícia, merece o meu desprezo, pois fez da menina uma traficante puta para o seu prazer. Ela só não chegou no limite para ser defunta.

– DEBORA

|20| o ciclo | a peba

"Você agora irá cumprir uma medida socioeducativa de internação de seis meses a três anos. O tempo que você permanecerá na medida vai depender de você mesma. A cada seis meses, um relatório seu será enviado à juíza informando o seu comportamento. Se for bem avaliada, a juíza poderá conceder algum benefício, caso contrário, o tempo máximo é de três anos, e o mínimo, de seis meses". Essa é a minha sentença, tempo indeterminado, dependendo do meu comportamento.

Ouvir essas palavras foi a mesma coisa que ser apunhalada no peito. Para mim, essa é a pior coisa deste lugar: a espera, a ansiedade, a agonia, a esperança, o abandono, a tristeza, a raiva e a melancolia. Esse é o ciclo de quem cumpre uma medida socioeducativa de internação.

Espera. "No mínimo seis meses ficarei neste lugar."

Ansiedade. "Nenhuma resposta. Meu relatório desceu há dois meses."

Agonia. "Você fez tudo certo. Na unidade, todos lhe garantem que você vai sair."

Esperança. "Não tem como a resposta vir negada. Está perto, eu sinto que esta fase ruim está acabando."

Abandono. "O ofício chegou indeferido."

Tristeza. "Eu só queria sair um dia, é meu aniversário."

Raiva. "Eu fiz tudo certo e não consegui o que queria, sei que cometi um erro, eu já estou pagando caro por isso, mas perante a lei já era para eu ter algum benefício, ninguém me ajuda, ninguém liga pra mim."

Melancolia. “Já me acostumei aqui. O tempo agora está passando um pouco mais rápido. Outras meninas já saíram. Não consigo me animar para fazer nada.”

O tempo passa tão devagar aqui dentro. Em tudo que fazemos, parece que o tempo tem raiva de você e faz de tudo para que a sua estadia demore a passar. Eu me sinto como Meursault, de “O estrangeiro”. Assim como ele, também queria pensar em outras coisas. Para ele, só havia a madrugada da execução e o recurso da sentença. Para mim, só interessa a liberdade. Não sei quando eu vou sair, não sei quando eu vou dizer adeus a estes muros e grades. Não sei quando a minha liberdade vai chegar.

– TALIA

Nos primeiros três meses de puxadora de plantão, parei no m6. Eu só passeava pelo seu módulo, “Por que gosta tanto das pebas?”, era a sua provocação. Para donagente, peba é menina bandida; para polícia, donagente é babá de peba; para menina sentenciada, peba é recém-chegada sem experiência de internação ou do crime. Entre as meninas sentenciadas, a classificação peba ganha novos estratos: peba é a menina pega na primeira jogada, a menina que rouba trabalhador, ou a menina tolinha que não é do crime, mas caiu por homem. A peba universal é aquela perseguida pelo Conselho Tutelar, pois é ainda ignorada pela polícia. A verdade é que peba é sempre a outra, a alma sebosa inimiga da firminha.

Resistência é o sentimento da peba; rebeldia, o comportamento. Um jeito de entender a melancolia, o fim do ciclo na cadeia de papel, é ver como as visitas à gerência de segurança desaparecem com o tempo: peba vive de medida, vira e mexe está na mesa de donagente gerente para julgamento de conselho disciplinar. Há

seriedade na rebeldia, é preciso conformar-se às regras, aos modos e às disciplinas. Peba resiste aos novos costumes, por isso m6 é uma confusão. Meu espanto foi grande ao conviver no m7 e descobrir que não se escreve nas paredes, os barracos são decorados como quartos, há fotos e flores pelos cantos. No m6, encontro de tudo: declarações de amor, ameaça à donagente pit bull, orações, lista de drogas ou telefones para comércios futuros. Ali não se escreve para memória, é ainda teimosia de quem só pensa na rua.

Tive muitas dúvidas quando presenteei a menina tímida com "O estrangeiro". Meursault foi um matador, ela também. O livro foi leitura de aniversário, eu queria provocar o silêncio daqueles olhos caídos, pois nem ela nem Meursault respondiam à pergunta, "Por quê?". Acho que estou me confundindo, preciso arrumar nossas vidas e literaturas: o personagem matou um árabe, o desarranjo do crime foi um sol tinindo os olhos, e uma provocação tola na praia; a menina tímida me desfilava enredo preciso. Em uma fuga de família, a mãe seria linchada e ela foi a salvadora. "Por quê?" nunca me faltou resposta da menina tímida. Eu a cutucava para ouvi-la bufar à outra pergunta de donagente, "Jovem, está arrependida?"

Se dra. juíza ou d. psicossocial desenhassem o ciclo da medida socioeducativa, arrependimento seria o sentimento mais esperado. Ninguém me disse, mas pressinto que o relatório da liberdade só apareça depois da transformação da menina rebelde em arrependida, uma lição anunciada pelo dr. juiz de instrução a Meursault: "para isso era necessário que o homem, pelo seu arrependimento, se transformasse como que numa criança." Não sabe o alívio que eu senti ao ver "arrependimento" ignorado de seu complexo ciclo, em que há espera, ansiedade, agonia, esperança, abandono, tristeza, raiva e melancolia. Desconheço o que seja arrependimento; talvez, um sentimento e uma promessa de ser outra, ou pior: uma expectativa de que a tranca tenha feito refletir sobre o passado de malfeito. Isso é uma tolice. Os sentimentos se atrapalham: é tristeza com raiva, ansiedade com agonia, melancolia com eterna espera. É numa dessas misturas de sentimento que menina se desespera, se entalha, e a teresa apressa a liberdade.

– DEBORA

|21| o calendário | o relatório

Eu tenho um calendário na parede e risco a cada dia. Já foram dezoito meses riscados. Eu perdi a conta dos dias. Desde os seis meses, aguardo decisão da juíza. Essa juíza é responsável por todos os adolescentes que cumprem medida socioeducativa em Brasília. Tirando seus assessores, é só ela quem cuida dos processos, a decisão final é dela. Eu já a vi algumas poucas vezes, não conversei muito com ela, pois não tínhamos muito assunto. Quando escrevemos cartas, é para ela que enviamos. Quando fazemos um pedido, é ela quem nos dá a resposta. Por ser só ela para todos os adolescentes, os pedidos costumam demorar para serem respondidos.

A cada seis meses, desce um relatório para a juíza, informando sobre o nosso comportamento. O que não consigo entender é como ela pode estar atenta ao comportamento de mais de oitocentos adolescentes, mas tudo bem. Também não sei como ela consegue avaliar os seis meses de relatório em quatro folhas. Não tem como ela nos conhecer direito, mas é assim que funciona. O trabalho dela é julgar, dizer se estamos preparadas ou não para ir embora, mesmo não conhecendo a gente. É a lei, não posso agir contra. Eu só acho um pouco errado, porque ela nos julgaria melhor se nos acompanhasse aqui na unidade. Sei lá, talvez ela entendesse a gente melhor.

Apesar de ser uma profissão muito desejada, se eu tivesse a oportunidade de ser juíza, recusaria, pois não acho certo julgar os outros. Lembrando que eu não tenho nada contra os juízes, só não acho legal, eu não conheço a pessoa, não sei o que aconteceu, não julgo. Tecnicamente, a juíza não sabe quem eu sou. Ela me conhece assim: na hora que o meu relatório desce ou uma carta chega, ela lê e me responde, e, naquele momento, ela sabe o meu nome, sabe que eu existo, mas depois ela esquece e só vai lembrar que estou aqui depois de ler outra informação minha. A lembrança dela não vem do nada: "Agora me lembrei que tem uma adolescente

internada que há muito já vem cumprindo medida socioeducativa e tem um bom comportamento. Acho que irei dar algum benefício para ela. Não. As coisas não funcionam assim. E, antes da minha carta ou relatório chegarem na mesa dela, muitos outros já estão lá esperando para serem lidos e atendidos. Se eu pudesse um dia conversar com ela, com privacidade e respeito, eu diria:

"Vossa Excelência, primeiramente, me desculpe pela ousadia, não tinha como a senhora dividir o seu cargo com alguns outros juízes, não? Porque é muito adolescente para a senhora atender, e a demora das respostas aos pedidos é torturante. A senhora também poderia nos acompanhar mais de perto, nos conhecer melhor, pois não tem como a senhora realmente ter certeza se estamos preparados para voltar ao convívio na sociedade por um relatório que contém quatro folhas. Mais uma vez, me desculpe pela ousadia. Eu sei que o tempo mínimo é de seis meses e, depois disso, é aguardar a liberação. Mas, nesse período, não tinha como a senhora nos dar algumas respostas? Veja, de três em três meses, a senhora podia mandar um ofício dizendo se está gostando ou não do nosso comportamento, se está perto ou longe de irmos embora, ou se é para mudarmos ou fazermos alguma coisa. Um ofício que nos mostre que a senhora está nos acompanhando, que não nos esqueceu. Sei que cometi algo ruim para estar aqui e posso estar querendo demais em um lugar que serve como punição, mas ninguém sabe o que me levou a fazer isso. Agora eu só quero mudar, e muitas estão no mesmo dilema que eu, só que não conseguiremos sozinhas, só queremos um acompanhamento melhor. Me desculpe se fui longe demais, mas às vezes precisamos expressar o que sentimos e o que eu estou sentido agora é tristeza e incerteza, mas a senhora não sabe por quê. Vossa Excelência, eu existo, eu tenho nome e tenho rosto, não sou apenas uma personagem descrita em quatro folhas. Eu tenho erros e dúvidas, mas, nesse momento, só o que eu queria era a atenção da senhora."

Acabei de riscar mais um dia.

– TALIA

Você diz que a dra. juíza não a conhece direito, mas como?, se ela pode fazer visita sem anunciar que dia chegará, assistir-lhe pelas câmeras ou ler relatórios de donagente e de d. técnica psicossocial? Relatório é a escrita típica dos lugares de vigilância, como escolas, cadeias ou reformatórios. D. técnica psicossocial passeia pouco pelo módulo, o lugar preferido é o puxadinho da entrada. Ela é especialista em relatório, por isso pede à donagente que a escolte para o encontro e, com alguma solenidade, encosta a porta, lhe faz perguntas e anota respostas. Até acredito que a moça gostaria de cuidar das dores que escuta, mas seu ofício na cadeia de papel não é esse, é outro: escrever sobre quem é você para dra. juíza.

Importa saber se a menina que perambulava na rua era rata ou traficante, matadora ou vítima, pois a biografia esclarece à dra. juíza "quem é você". O relatório antecipa a vontade reprimida de Meursault durante o julgamento, "De tempos a tempos, tinha vontade de interromper toda a gente e de dizer: 'Mas quem é afinal o acusado? É importante ser o acusado. E tenho coisas a dizer!' Mas, pensando bem, não tinha nada a dizer". Você tem coisas a dizer, escreve cartas à dra. juíza, tenta trocar palavras quando ela passa por aí, mas falta contexto. O relatório é curto demais para o que se esconde pelos barracos, nos passados comuns e curtos desse monte de menina.

O relatório segue modos de perguntar e ouvir de quem passa o dia vigiando. Se as quatro páginas são breves para explicar quem é você, por que vendia pedra no Túnel ou como sobreviveu sem visita por quase um ano, também sinto que é muita palavra para declarar o óbvio à dra. juíza, "Eu existo". Como sabe, exerço profissão inútil para os poderes que decidem a sua vida, sou só uma professora. Escrevo livros que nem sei se são lidos, mas, se fosse d. técnica psicossocial, acho que escreveria um relatório ainda mais curto:

“Excelentíssima Sra. Juíza,

Como d. técnica psicossocial, meu trabalho seria ouvir dores e curar lamentos de meninas com passado curto e cicatrizes secas. Mas se exercesse minha profissão não poderia lhe escrever, pois o escutado seria segredo. Tornei-me uma especialista em relatórios.

Vossa Excelência conheceu a menina deste relatório como menina xerifa. A novidade é que ela mudou de nome. É agora menina institucionalizada. Há mais de ano, não grita nem se corta. Tem estado cada vez mais calada, o olhar é manso. É leitora de livro grosso, tem predileção por literatura difícil e rejeita autoajuda. A rotina da vida é pacata: desperta no Confere de Efetivo às seis da manhã, não importa se segunda ou domingo; toma banho com sabonete do sistema, limpa os dentes como pode, pois falta material de higiene; o uniforme está sempre asseado; comparece às duas horas diárias de escola; come xepa, e só a rejeita em dia que está azeda. Para cada deslocamento, agacha pudores quantas vezes donagente ordenar, sai para o banho de sol e sabe se comportar como uma menina de sociedade na companhia das visitas. No mais, não tem destravado trancas nem feito estoque, mesmo ficando vinte horas por dia no cadeado. Recentemente, a menina me mostrou calendário guardado no barraco: espantei-me com a abundância de traços pelo tempo vivido, mais de quinhentos.

Em nome do bom comportamento e do respeito da menina à tranca é que envio este relatório de pedido de benefício para o próximo dia santo. Aproveito e transmito recado da menina institucionalizada: ela pede, se possível, notícias mais frequentes.

Este é o relatório. À sua disposição, d. técnica psicossocial.”

– DEBORA

|22| o benefício | a fotografia

Hoje, lembranças estão me invadindo. Lembranças de tudo o que eu passei, fora e dentro deste lugar. Minha mente está uma confusão, eu preciso escrever para você, queria que estivesse aqui. Tanta coisa que eu passei, cada lágrima que derramei de tristeza, de saudade, de raiva. Cada sorriso, abraço, brincadeira. Foram muitas coisas que aconteceram. E, agora, fico sabendo de uma notícia que eu já esperava, mas que não deixou de ser surpresa: eu ganhei um benefício de saída no dia do Natal.

Uma parte de mim ficou feliz, mas outra, triste. Eu tenho um bom comportamento, meu relatório desceu excelente, todos da equipe técnica e da segurança me elogiaram para a juíza, eu fiz pedidos de saída e ela não respondeu nenhum, e mandou um ofício autorizando a minha saída em uma data que nem cheguei a pedir. Ela negou os outros pedidos e aceitou só o do Natal. Por quê?

Minha primeira saída será com mais de um ano e meio. Não é justo. É só uma saída especial. Quando eu voltar para a unidade, se eu voltar para cá, só Deus sabe quando vou sair de novo. Geralmente, os pedidos vêm aceitos com um ano de sentença, quando o segundo relatório desce. Se você não tiver ocorrência, faz uma carta para a juíza pedindo uma saída na data especial mais próxima e, na maioria das vezes, vem aceito. O meu último relatório desceu em janeiro e o aniversário da minha mãe era em maio. Eu fiz o pedido e ela negou.

Você consegue imaginar a tristeza que isso causa? Sim, você consegue, você viu como eu fiquei. Todas as pessoas que chegaram antes e depois de mim já estão tendo saídas, e eu não. Eu sou uma das meninas que tem o melhor comportamento e não estou tendo saídas. Escuto as outras dizerem: "Aí, o meu pedido veio aceito, vou pinar desse lugar, não tô nem aí. Você é a única daquele tempo que não saiu ainda, né? Até eu estou saindo primeiro que você, e estou cheia de ocorrência." Você tem noção da raiva que isso dá? Ver que

todo o seu esforço foi em vão, ver pessoas que não querem nada com a vida indo embora e eu, que tenho outras perspectivas de vida, ficando? Você sabe de quem estou falando.

Eu queria muito cumprir tudo isso aqui, mas estou cansada, me esgotei. Se ao menos eu soubesse quando vou sair, eu criaria mais forças para chegar até o final. Mas não sei quando vou sair, meu tempo é indeterminado. Quero poder sair sem dever nada, sem ter que fugir da polícia; viver outra vida. Mas não sei se vou ter forças para voltar com as minhas próprias pernas, não sei se elas vão me obedecer. Eu estou cansada. Só não queria largar todos os planos e objetivos que montei para mim aqui dentro. Eu preciso de força. Eu estou triste. Eu só queria poder recomeçar a minha vida. É por isso que a minha mente está uma confusão. Vou ser fraca se eu não voltar?

Às vezes, penso em desistir. Voltar a ser o que eu era vai ser mais fácil do que mudar. Não me ache tola por isso, eu só não sei qual decisão tomar. Estou dividida e só vou ter a certeza do que vai ser quando estiver em liberdade. Liberdade, que palavra linda, de significado nobre. Está tão perto e ao mesmo tempo tão longe. Eu quero voltar, mas não sei se minhas pernas vão me obedecer. Eu só queria que isso acabasse logo. Você me entende? Se fosse você no meu lugar, o que faria?

Hoje, lembranças estão me invadindo. A cada dia, chega mais perto o dia em que poderei caminhar livre novamente. Livre, mas não sei até quando. Não me ache tola. Eu tenho planos de voltar, mas não sei se vou ter forças. Se eu voltar, você vai saber que tive forças e que estou perto de construir uma vida nova. Se eu evadir, você vai saber que eu tentei, mas não consegui, não arranjei forças para voltar para a cadeia. Eu estarei infeliz.

– TALIA

Você voltou. Suas pernas lhe obedeceram. Pelo telefone, ouvi sua voz todos os dias de manhã, "É só para dar o bom-dia da liberdade". Seus dias especiais de benefício me perturbaram: fiz pedido estranho para nosso encontro, "Volte", dei conselhos, falei de futuro do qual não ofereço nenhuma garantia. Distante, acompanhei a manhã do seu retorno como se fosse o de alguém fugindo, uma despedida sem data marcada para reencontro. O nosso seria no próximo plantão, mas eu não consegui vê-la fora das grades.

O benefício é um teste. Dia santo é mercado bom para armadilha da vida antiga. Mas o que se testa nessa saída solitária de três dias? A morbidez da tranca. Não há isso de reabilitação, regeneração, ressocialização, ou qualquer outra palavra difícil para justificar os sem sentidos da prisão. O relatório excelente diz que você não tem gritado com menina ou donagente, encartuchado coisa proibida ou descumprido procedimento. Com isso, estaria preparada para sair, mas esquece o relatório que o mundo fora da tranca está o mesmo. É um teste: se pinar, é porque a rua ganhou; se voltar, é porque a esperança moveu as suas pernas.

Sua voz na liberdade era diferente, mais acelerada e adolescente. Me contava coisas sérias, uma nova guerra na quebrada e um acerto de contas do passado; e coisas da vida, o alisamento que deu certo ou as unhas decoradas. O benefício santo foi uma prova de ousadia: você ter que ser outra na rua, sendo a rua a mesma de antes. Eu não sei o que faria no seu lugar: voltar ou pinar não é escolha, é opção maldita.

Pedi a sua foto no instante da entrada. A menina tímida foi sua companheira de dias especiais, a nomeei guardiã para o cuidado. O cabelo estava escovado, preso em um rabo de cavalo alto, os olhos pintados de um preto intenso. A pele lívida deixou seu sorriso tímido. A camiseta rosada era de gola alta, um desatino para a revista que teria início instantes depois. Desnudou-se, agachou-se, exibiu-se para o retorno à tranca. Olho para a foto e sinto a desgraça da cadeia, inquietei-me pelo atraso da pergunta, "Se fosse você?". Você não aceitou ler "Câmera clara", de Roland Barthes, disse que não tinha concentração pela rua. A sua foto é relíquia, ninguém nunca a verá. Aquela imagem só acontecerá uma vez,

e não é a “aventura” sentida por Barthes ao escrever sobre a foto infantil da mãe recém-morta. É desespero. A foto da sua entrada anima o meu desespero.

Você voltou e está infeliz. Se pinasse, seria uma fugitiva infeliz. É uma menina trancada e infeliz à espera de que dra. juíza determine o tempo da medida. Se uma menina recebe benefício, as outras se inquietam sobre calendário próprio. Se uma menina com igual malfeito recebe benefício em tempo diferente, a justiça não é abstrata, mas encarnada em biografias da vizinhança. O mundo da reparação é desafiante para você — a rua não mudou, e a espera; a tranca melancólica testa a sua resistência; a menina vizinha anuncia benefício como sorte própria e desgraça de quem fica.

– DEBORA

|23| a mente | o suicídio

Não é fácil viver atrás das grades. Se você não tiver uma mente boa, acaba se deixando levar. Tem que ser forte. Tem que ter foco. A nossa vida aqui dentro é viver entre quatro paredes, seja dentro do quarto, no pátio, na sala de aula, no ginásio, tudo em quatro paredes. Tudo em quatro grades. Aqui é um presídio? Não. Aqui é o sistema socioeducativo de Brasília. Quem foi mesmo que falou que aqui não é cadeia? Quem foi que disse que é fácil viver aqui? Pessoas que desconhecem a nossa realidade, pessoas que nos culpam pelos crimes que aconteceram na sociedade, pessoas que não sabem que quem nos criou desse jeito foi a própria sociedade delas. Pessoas que só nos veem como monstros e nem imaginam quantas lágrimas esse lugar já escondeu.

A gente errou, algumas erraram feio, mas e se eu dissesse que já estamos pagando por isso, você acreditaria? Não importa o lugar, pode ser em um hotel cinco estrelas, mas, se você estiver presa, você não vai estar feliz. Eu perdi a minha liberdade de ir e vir, de escolher e de me expressar. Eu sei que não estou aqui de graça, mas, mesmo assim, ainda é difícil. Cada canto deste lugar é marcado por lágrimas, por tristeza e por saudade. Mas eu estou ótima em comparação às outras meninas que também estão aqui, porque sou forte e tenho foco, pois sei que isso é só uma fase ruim que vai passar. Eu gosto de você porque você também é forte, há meninas que dizem que você é uma terrorista ou uma psicopata. Eu acho que somos parecidas.

Aqui tem meninas que não pensam dessa forma. E, antes de o tempo aqui acabar, elas tiram as suas próprias vidas. Eu estava lendo distraída quando escutei um grito ensurdecedor e, logo em seguida, batidas nas portas dos quartos. Antes de eu perguntar o que estava acontecendo, as meninas começaram a gritar, dizendo que tinha uma menina tentando se matar, e ela estava no quarto ao lado do meu. A outra menina do quarto da frente viu a menina com o lençol no pescoço pendurado no comungó. A menina estava

com o nariz sangrando e ficando roxa quando as agentes entraram para tirar lá de cima. Ela quase conseguiu se matar. E não é a única que já fez isso. Não é fácil viver atrás das grades. Se você não tiver uma mente boa, acaba se deixando levar. Essas meninas sofrem tanto por dentro que acabam perdendo a vontade de viver. Elas são atormentadas pela solidão. Elas se fecham e fica difícil tentar ajudar. Eu fico triste por elas.

Quem foi que disse que é fácil viver aqui? Pessoas que desconhecem a nossa realidade. Essa é a nossa realidade.

– TALIA

Eu não sou terrorista ou psicopata. Já perdi a origem dessas lendas que animaram a minha chegada na cadeia de papel. A terrorista veio da insistência na roupa preta e folgada, pois como eu usaria a cor de donagente e evitaria calça apertada se sou livre para exibir os contornos do corpo? Talvez porque escondesse bombas, me explicou a menina desconfiada. A psicopatia teve versões diversas — quem seria a madame sem reza ou terço, promessa ou culpa, com insistente permanência em lugar miserável à vida? Só uma psicopata. Não sei se a lenda da loucura malvada foi desfeita, a questão que me fazem agora é outra: "Como você aguenta conviver com tanta dor?"

Conviver não é tomar posse de dor alheia. Foi com você em crise de raiva que eu entendi o sentido da solidão neste lugar. Entrei no corredor e não ouvi seus gritos de "Vem logo", "Não fala com essas pebas". Havia um silêncio escuro e pesado, Pikena me evitou, só vejo os braços caídos pela bocuda. Eu insisti na chegada, só

Pikena me recebeu: lá estava de novo a trouxa de roupas, daquelas de lavadeira de beira de rio. É você no esconderijo só seu, enrolada e tremendo, mas o dia era de quentura no cerrado. Eu prefiro quando está carrancuda, quando grita em comando para cachorro, "Aqui!". Quando se esconde pela raiva, a dor é interior.

Quando vejo a menina suicida com corte e teresa, sei que um dia acertará o nó e não terei tempo para a despedida. Menina suicida já me fez carta sobre fuga. Foi pega com piedade, não vi pancada ou mais tranca pela ousadia. Na mesma noite em que tentou a fuga, escutei pelo rádio: "Reforço m7." Não sei como donagente pit bull ouviu a lata batida. Menina suicida esbugalhava-se, sangrava nariz e olhos, uma calça molhada apertava o nó, pasta de dentes impedia abertura de cadeado. Era sentença de liberdade nem que fosse pela morte.

Não é fácil viver aí. A cada três dias, quando durmo no módulo, o cheiro demora a despregar de mim. Os sons do mundo me perturbam, a viagem de volta para casa é sempre apressada. Não sei por que acelero, se daí a três dias volto. Eu era uma das pessoas que desconheciam a sua realidade. Agora a conheço e não sei ainda o que fazer com ela. Talvez eu não tenha a mente boa, talvez eu seja uma fraca; melhor confessar: não sou tão parecida a você. Eu não conseguiria sobreviver tanto tempo em uma tranca sem saber o dia da liberdade.

– DEBORA

|24| a euforia | a vida comum

Eu cheguei aos dezoito anos, uma vitória, uma raridade. Como consegui, não sei. Como pude viver tanto tempo nessa vida, também não sei. Hoje, quando paro para pensar nas coisas que já passei, eu entro em uma espécie de euforia por estar aqui. Penso naqueles que não tiveram a mesma sorte e morreram. Quando paro para pensar nessas coisas, tenho mais certeza de que a vida do crime não é para mim, mas eu não sei o dia de amanhã. Qualquer coisa no mundo do crime é capaz de arranjar uma guerra. Eu tenho saudades para sempre de quem perdi.

Nunca tinha parado para pensar no que eu queria fazer na vida. Eu só pensava no hoje, no que estava fazendo agora. Só imaginava o futuro como era o meu presente. Não tenho sonhos ainda, pois sonhos não se realizam, e eu só penso em coisas que, talvez, possa conseguir. Agora eu tenho um objetivo. Mas sei que não vai ser fácil, muitos obstáculos ainda virão. Também não vou dizer que estou decidida e que nunca mais me envolverei no crime, pois isso eu só vou saber quando estiver em liberdade. O crime vai bater na minha porta novamente, eu já sei. E vai ser difícil dizer não. Não que eu goste de estar no crime, mas é porque eu já me acostumei.

Nunca tinha parado para pensar na vida antes, nunca tive algum sonho ou objetivo; para mim, a vida seria sempre a mesma coisa: fugir da cadeia e da morte, viver no crime. Só que me enganei. A vida pode ser de outra maneira, eu posso ter uma vida comum. E me lembro do início da minha sentença, que eu não queria aceitar que estava aqui. Eu me revoltei, não queria nada com nada, só pensava na minha liberdade. Tinha raiva de tudo e de todos deste lugar. Pelos livros e com você, descobri outras formas de vida.

Quando fui sentenciada, eu tinha dezesseis anos. E se tivesse ido para outro lugar, cumprir pena com outras pessoas, será que eu seria o que sou hoje? Aqui é uma cadeia. Não uma cadeia de verdade, mas uma cadeia de papel: tem muros, grades, maldades e

injustiças, mas não chega a ser uma cadeia do sistema prisional. Sabe qual é a diferença? Aqui, apesar de não ser igual à cadeia regular, nós vamos para a escola; aqui, não precisamos pagar para dormir e comer; aqui, não precisamos dividir uma cela com trinta pessoas; aqui, nós temos um acompanhamento e pessoas que se preocupam com nós, e os agentes da segurança não andam com uma arma apontada para nós. Essas são as diferenças.

O problema não são as pessoas que cometem crimes, mas o que as leva a cometer esses atos. Falo por experiência própria: para cometer um crime, é preciso ter um motivo ou algum problema. Quem não entende isso é quem tem problema. Tudo na minha vida girava em torno do crime: os meus amigos, o dinheiro, a minha casa, os lugares. Eu, literalmente, vivia do crime. Não quero voltar para o crime. Já decidi, só não sei se vou resistir até o final. Eu já ouvi muitas pessoas falarem que sair da vida do crime é fácil, que só entra nesse mundo quem quer. Tolas. São pessoas tolas. É mais fácil não entrar do que sair depois, mas quem já passou por isso pode saber como é. Também é muito fácil falar quando não é você que está passando por essa situação. Não que eu esteja julgando alguém, só não gosto que as pessoas falem sem saber. Às vezes, exagero na hora de me expressar, mas não é de propósito, eu sou assim. Você já me conhece.

– TALIA

Esforcei-me para voltar aos dezoito anos. Tenho quase a idade de sua avó: eu, 46, ela, 52, e nem agora sobreviver me causa euforia. Preciso confessar, jamais me imaginei como uma sobrevivente da vida, seria uma desgraçada se morresse antes da velhice. Sinto alegria em viver, a alegria é pela vida, não pelo heroísmo da sobrevivência. Para mim, existir não foi um jogo de azar, mas um injusto privilégio de casta que me antecedeu.

Eu e você somos tão diferentes, mas o estranhamento sobre quem somos foi delicado entre nós. Você me deu título honroso, "mãe das letras", e eu fico buscando entender. Você me elogia com os valores do crime, "coragem, bravura, lealdade"; eu a infantilizo pelas bochechas, a conversa de unhas ou cabelo. Me acanho com a pistola ou as ratazanas e a admiro por resistir. As opções foram miseráveis para uma menina de onze anos: pedinte, puta ou traficante. Sim, são pessoas tolas as que dizem ser escolha a bandidagem menina. Opção pode ser melhor palavra, não escolha, essa invenção de homens iluminados de castas semelhantes à minha que desconhecem a resistência na quebrada, na periferia, na rua ou na tranca.

Nos encontramos pela raridade de sua sobrevivência e pela crueldade da punição: você escapou da morte, caiu em flagrante. Sua vida era no crime, a minha é a ordinária "vida comum". Nasci de gente comum, e até onde sei são homens e mulheres representantes da normalidade há muitas gerações. Como você, as minhas origens são nordestinas, mas meu avô não foi matador brabo, meus tios não foram defuntos jovens ou líderes de quebrada. Minhas avós foram mulheres letradas, não assinavam com dedo documentos da vida. Ainda hoje a sua avó limpa casa de gente madame. Essa gente é parecida comigo, usa sapatos de origens estrangeiras e o corpo parece não envelhecer do mesmo jeito que o da sua família, pois a vida é repleta de mimos.

Eu não lhe ensinei nada da vida comum. Mente quem me der maternidade sobre a sua leitura sofisticada. Não fui eu, nem o carrinho de livros. Você se fez leitora pela falta de tudo e não pela oferta de bens da vida comum. Gente parecida comigo quer ver meninas como você desaparecidas. Sua resistência nos intimida. E não é porque você voltará para o crime ou será uma forasteira na vida comum, é simplesmente porque a casta não quer gente estranha com os mesmos privilégios conquistados por nossos antepassados. Eles lutaram para garantir isso que as meninas roubam, eles mataram para manter o nome limpo, eles ignoraram crianças fora da linhagem.

Você não exagera no que escreve. Eu sou a mulher abundante deste encontro. Mas a minha abundância não é notada, pois minha

casta disciplinou-me a ser contida nos gestos e nas palavras. Essa é a explicação da aparência psicopata: não expresso a raiva. Queria lhe dizer que precisava de mais tempo de plantão, de mais cartas para aprender os sentidos da injustiça da vida comum em gente como você. Mas, nesses quatorze meses de plantão, nessas centenas de cartas trocadas, aprendi as dificuldades do crime, as perturbações da quebrada, a bagaceira da polícia, a melancolia da cadeia de papel. De tudo, o mais importante que aprendi não veio de seu testemunho da vida marginal, mas da aflição vivida pelo nosso encontro, uma mulher comum e uma menina bandida. Você não é só uma sobrevivente: você é uma refugiada da vida comum.

– DEBORA

|25| confissões

Fui buscar a sua primeira carta. Não a primeira deste livro, mas a primeira que escreveu, no meu segundo mês de puxadora de plantão. Ela era curta, sugeria ser resposta à minha carta anterior. Talvez tenha sido eu quem inventou isso de cartas, mas não inventei a escrita em cadeia de papel — por aí se escreve muito e em qualquer lugar. Já vi poesia até em uniforme do sistema. As paredes do m6 são como caverna pré-histórica, exigem paciência para decifrar arte, rabiscos e lamentos. No m7, não se escreve nas paredes do barraco ou na lata da bocuda, e não por medo de castigo, mas porque se acredita que é convite para mais tempo na tranca.

A primeira linha de sua carta era resposta direta aos primeiros meses de convívio, "Debora, é estranho conversar com você através de carta, mas tudo bem, vou responder a sua pergunta: 'eu acredito que o motivo principal de você ter vindo para cá foi fazer pesquisa a fim de tentar entender o motivo pelo qual estamos aqui e tals...'" Assim mesmo, tinha aspas dentro de aspas, você se citando, como uma repetição das formalidades pelas quais eu me apresentava no módulo. O predicado da explicação era tão sem importância que virou plural inventado, "tals". Eu precisava entender como recebiam minhas notas ou fotografias. Eu só ouvia repetições das formalidades bestas pelas quais eu me apresentava. Foi só quando me chamaram de psicopata, terrorista ou madame que fui aceita.

Sua primeira carta avançou na curiosidade, "Agora é a minha vez de perguntar, [...] você vem aqui, conversa com a gente, nos traz livros, e eu sei que você não tem essa de 'preconceito', mas me diga: como você vê a gente? Você tem pena da gente? Eu gostaria de saber como você se sente quando conversa com a gente?". Não, não sinto pena, nunca senti, de nenhuma de vocês, nem mesmo da menina que já saiu para presídio de mulher grande. Mas me preparei para chegar aí. Era sobre isso que eu queria lhe contar

nesta última carta. Uma confissão sobre como me organizei para a convivência com meninas presas.

Eu ensaiei a chegada, estudei a cor da roupa ou a pintura das unhas. No tempo preparatório de autorizações para atravessar o portão da cadeia de papel, ouvi conselhos sobre como ser aceita por vocês. Um deles veio de voz experiente, "Leve caixa de esmaltes". Resolvi não mais pintar as unhas, odiei batom e escondia o cabelo de madame como se fosse uma mulher penitente. Eu não sabia como fazer, mas a tolice do feminino não seria a minha porta de entrada. Houve tempo em que pintei as unhas com vocês, conversamos sobre cabelos e alisamentos, mas já foi tarde na convivência.

Outro conselho foi orar junto. Comecei anunciando minha distância religiosa. Outro mundo ou livro sagrado não seriam aliados para os meus dias de visita. Sei que tinha um prazer escondido ao respondê-las: "Mas a senhora não acredita em nada, nada?", e eu respondia, "Acredito que estou aqui". A resposta era ambígua, nos fazia rir, mas aumentava os rumores da psicopatia. Quando o plantão era no domingo e as pastoras se anunciavam na porta, eu me escondia. Só voltava quando a calmaria retornava ao módulo, e vocês se achavam mais puras, e eu, mulher da rua.

Donagente veste preto, d. técnica psicossocial veste cor da vida comum. As duas são mulheres comuns, muito mais parecidas do que se imaginam pelo binarismo de poder da cadeia de papel. Mas as roupas organizam os lugares e as relações. D. técnica psicossocial veste detalhes de brilho, usa salto ou saia rodada e é tema de conversa das meninas pelos comungós ou no banho de sol. Escolhi ser desinteressante como donagente, mas meu disfarce durou pouco. Foi útil, pois me fiz de multidão em dias de reforço do rádio, mas não foi tranquilidade eterna. Menina tímida me olhava com lupa, pedia para revirar etiquetas das roupas e fazia perguntas indiscretas sobre origem, corte ou desenho daquilo que eu tentava esconder como preto universal.

Com o tempo, o preto foi deixando de esconder os privilégios da minha casta. Não era um preto qualquer: o sapato tinha nacionalidade, o toque das minhas mãos era suave, o cabelo era pintado,

a cor dos olhos, tudo passou a ser objeto de contraste. Tive que esquecer o cabelo preso, já sabia que nenhuma de vocês me escalpelaria. Com a cabeleira solta, veio a novidade de cheirar-me para investigar cuidados de madame. Dos cheiros, vieram perguntas sobre por que as roupas folgadas, por que não a maquiagem ou o dourado, por isso as promessas de um frevo vestida de maneira adequada. Preste atenção no que eu escrevi, "adequada". Nunca prometi usar minissaia ou batom vermelho.

A verdade é que minha aparência sempre foi um desarranjo sobre quem somos. Para a minha vantagem, só a idade me protegeu, pois tempo é como espaço quando se é menina: não havia competição entre nós de tão distantes as gerações. Bastava anunciar a minha idade que uma mão me alisava o rosto em piedade. Como consolo ouvia, "A senhora nem parece, se acalme". Passaram a me pedir fotos de quando eu fui jovem, me perguntavam se já existia celular ou televisão quando fui adolescente. A distância foi tão longe no tempo que a menina careca me perguntou se eu vivi no tempo dos campos de concentração nazistas. Ela lia "O diário de Anne Frank" e queria detalhes testemunhais sobre sobrevivência. Expliquei que não, nem minha mãe foi desse tempo, mas contei dos países que já havia visitado ou vivido. Menina maluca ouvia histórias e me achava maravilhosa, "A senhora já viu ouriço? Já andou de submarino? Já foi a Marte?".

Sim, eu passei a ser a mulher em que tudo seria possível. Um mistério pela idade, pelo cheiro, pelos cabelos. A mim, tudo foi permitido: gravador, máquina fotográfica, caderno de notas. Dormir entre vocês, comer junto ou ouvir segredos em noite de lua. Não foi conquista, foi um encontro inesperado. As meninas bandidas, a menina xerifa e eu. Você me perguntou na primeira carta como eu me sentia puxando cadeia com vocês. Foram quase cem cartas, um diário, mais de duzentas páginas escritas para que eu pudesse responder à pergunta da chegada sem as formalidades da pesquisadora: me sinto perturbada pelo encantamento vivido.

Para sempre, recordarei a doçura com que fui aceita sendo uma representante da vida comum, uma madame de vida comum, com idade de sua avó, que chegou à cadeia de papel para escrever um

livro. Escondida no preto, tentei me aconchegar naquilo que poderia me denunciar como uma mulher distante da vida da quebrada ou do crime. Não menti, mas queria assustá-la com cautela: nossas diferenças fariam você duvidar de mim. Mas você acreditou. Esta carta é uma confissão sobre como eu me preparei para os quatorzes meses na cadeia de papel.

– DEBORA

PALAVRA DE MENINA

22: Doido.

Abordagem: Investida policial.

Alma sebosa: Menina ou donagente metida.

Andar calçada: Estar armada.

Andar em cima: Estar armada.

Aquário: Posto de observação de donagente; monitoria.

ATRS: Atendente de Reintegração Social, também conhecida como agente ou donagente. No passado, já foi descrita como carcereira.

Bagulho: Qualquer objeto de uso.

Banho de sol: Duas horas diárias para saída da cela e permanência no pátio interno ou externo. No pátio interno há uma televisão, onde se pode ouvir música ou assistir à televisão em canais de rede aberta.

Barca: Camburão da polícia.

Barraco: Cela ou quarto onde vivem as meninas nos módulos. Em cada barraco há uma jega, mas podem conviver até três meninas distribuídas em colchões pelo chão.

Benefício: Direitos previstos para o adolescente em medida socioeducativa. São também chamados de saídões, saída especial, saída de Natal ou aniversário. São concedidos pela dra. juíza.

Bocuda: Grades da porta por onde se conversa e se vê o interior do barraco.

Boi: Sanitário. Na cadeia de papel, o sanitário é suspenso.

Cadeia de papel: Unidade socioeducativa de internação; reformatório.

Cadeia pesada: Quando está difícil viver presa.

Cadeia virada: Situação em que o módulo está revoltado, em geral, contra uma injustiça de donagente, contra uma caguete, ou por guerra de sangue.

Caguete: Fofoqueira ou dedo-duro.

Casinha: Armadilha.

Cavalo doido: Fuga em massa.

Certo: O que deve ser feito.

Certo de cadeia: O certo do crime, da quebrada, da cadeia.

Certo pelo certo: Aquilo que não permite negociação.

Charlatar: Jogar conversa fora, pedir, suplicar.

Cobal: Comida e objetos de higiene autorizados para entrada com as visitas.

Cobrar: Tirar satisfação.

Comungó: Corruptela de combogó, são janelas vazadas do barraco. Os comungós são minúsculos, mas é por onde as meninas observam o mundo para fora do módulo.

Confere: Checagem diária de internas. Confere de Efetivo é a expressão para a contagem das internas em um módulo.

Considerada: Parceira do crime ou da quebrada, alguém de confiança e respeito.

Corre: Substantivo e verbo. Como substantivo, é a menina que faz a limpeza do módulo, ou qualquer outra pessoa que faz um favor; pode haver donagente Correria, aquela conhecida pela gentileza. Como verbo, é agilizar alguma parada, trabalhar. O corre pode ser de leve e pode ser pesado: o primeiro é discreto; o segundo é ousado, pois desafia a autoridade.

Corre solto: Menina solta no módulo para a limpeza.

Corredor: Centro do módulo. No m7, onde vivem as meninas, o corredor divide as meninas pela idade. Do lado direito, estão as meninas menores de dezoito anos; do lado esquerdo, as meninas maiores de dezoito anos.

Crescer: Fazer carreira no crime começando como filhote.

Criar: Fazer carreira no crime, permanecer em uma quebrada da droga.

Dar o rato: Roubar.

De boa: De bem com a vida, tranquila.

Demorou: Provocação que chama briga. "Falou demorou" significa que algo foi dito e a guerra terá início.

Donagente gerente: É a supervisora das agentes, a chefia de todos os plantões. Há o seuagente gerente para a banda masculina.

Donagente: A carreira é de Atendente de Reintegração Social. Já na chegada à cadeia de papel, menina aprende como se dirigir à agente, "É seu agente, dona agente, nada disso de psiu!, ou ei". Como é falado sempre e muito rápido, o som é de donagente, seuagente.

Donagente C2: Chefe das donagentes de cada plantão. São quatro donagentes C2.

Errada: Menina pé frio no crime ou na cadeia

Escama: Cocaína.

Esparro: Fofoca, xingamento, palavra na hora errada.

Esparrar: Fofocar, xingar, caguetar.

Estigante: Doce.

Estoque: Arma caseira produzida na cadeia. Pode ser usada para ataque ou defesa.

Filhote: Menino muito miúdo que inicia a venda de drogas como ajudante de traficante de uma quebrada.

Firminha: Grupo de meninas com lealdade entre si.

Firmona: União do módulo em uma firma única.

Flagrante: Dar moleza para o flagrante policial, estar com droga, arma ou dinheiro de droga.

Forasteira: Bandida de outra cidade que chega em quebrada alheia. Pessoa estranha.

Frevo: Qualquer festa, mas em geral com droga farta e armas.

Fuleiragem: Cadeiazinha, uma ironia para descrever que a cadeia de papel não é cadeia de verdade.

Guerra : Briga entre meninas ou entre firminhas.

Guerra de sangue: Briga entre meninas ou entre firminhas, com homicídio ou tentativa de homicídio. Em geral, são guerras vindas da rua.

Interna: Menina habitante da cadeia de papel.

Internação: Vida na cadeia de papel. Medida socioeducativa de privação de liberdade.

Hot box: Caixa térmica onde a comida diária é servida.

Jack: Estuprador, tarado.

Jega: Cama.

Jogada: Negócio da venda de droga; a vez de venda da droga.

Jogo: Negócio da venda de droga.

Jovem: Menina. Utilizado por donagente em momento de tensão, procedimento ou formalidade.

Julgamento: Ofício da dra. juíza; opinião moral sobre a vida da menina.

Libera: Sentença de liberdade decretada por dr. juiz.

Liderança positiva: Xerifa de módulo que leva o grupo para o certo de cadeia.

Liderança negativa: Xerifa de módulo que leva o grupo para o certo de donagente

Mãe do crime: Mulher mais antiga na quebrada, que inicia os filhotes na venda da droga.

Maior: O recorte etário é de dezoito anos. Pode ser para representar as meninas que podem já cair no presídio, ou as meninas da internação mais velhas que dezoito anos.

Mandamentos: Regras de sobrevivência no crime, na quebrada e na cadeia de papel.

Marrocos: Pão.

Mata-rato: Biscoito.

Medida disciplinar: Castigo no Pavilhão Disciplinar (pd) ou no próprio barraco. A medida pode ser de até quinze dias, dependendo da gravidade do ato.

Menor: Adolescente em conflito com a lei; meninas na internação mais jovens que dezoito anos.

Módulo: Unidade do espaço onde habitam as meninas. Em cada módulo, há dez barracos. No m6, vivem as meninas provisórias; no m7, as meninas sentenciadas.

Monitoria: Aquário, posto de observação de donagente.

Moreninha: Café.

Mundão: Vida no crime e na quebrada; liberdade.

Pagar homicídio: Ameaçar de morte com o olhar fixo na inimiga.

Palavra de menina: Como palavra de honra, palavra de mulher. Garante a fidelidade ou cumprimento de um acordo. É o certo de cadeia.

Passa pano: Menina tola, subserviente, pé de pano.

Pavilhão disciplinar: Barracos de isolamento. São dois em cada módulo, localizados na entrada do módulo.

Pé de pano: Menina tola, subserviente, passa pano.

Peba: Menina iniciante e inexperiente no crime. É um termo em disputa: para donagente, peba é qualquer menina internada; para as meninas, é a recém-chegada.

Pedera: Linguiça.

Pegar sentimento: Afeiçoar-se, criar amizade.

Pikena: Menina iniciante no crime, em geral, menina miúda.

Pinar: Evadir da medida em um benefício de saidão. Não é o mesmo que fuga; é não retornar à cadeia de papel.

Plantão: Regime de trabalho de donagente na cadeia de papel: um dia a cada três de folga. Há quatro plantões de até quatro donagentes.

Procedimento: Expressão ampla que representa vários gestos aprendidos pela menina na cadeia de papel: mãos para trás, cabeça baixa, andar atrás de donagente. Há procedimento de revista, de confere, de visita etc.

Puxar cadeia: Expressão para o tempo de cumprimento de sentença, o tempo em que se fica em medida de internação ou presa.

QAP: "Estou na escuta", sigla para comunicação pelo rádio.

QTR: "Qual a hora certa?", sigla para comunicação pelo rádio.

QTU: Qual a sua direção?", sigla para comunicação pelo rádio.

Quebrada: Ponto de droga; bairro ou região em que se vive.

Recalcada: Menina ou donagente invejosa.

Reforço: Palavra de alerta anunciada pelo rádio, em geral, quando há necessidade de mais agentes em um módulo.

Reformatório: Cadeia de papel.

Render plantão: Substituir o plantão.

Revista: Procedimento de investigação em busca de estoque, droga ou qualquer outro objeto não permitido na cadeia de papel.

Revista vexatória: Inspeção do corpo e das cavidades naturais para investigação de objetos escondidos, tais como estoques ou drogas. A menina fica nua e agacha-se de costas para a donagente.

Robozinho: Menina pau-mandado no módulo. Em geral, obedece a ordens da xerifa. É uma passa pano.

Rua: O mundo fora das grades.

Salve: Autorização de proteção oferecido pelo líder da cadeia ou do território. Em geral, o salve é uma ordem da xerifa.

Seuagente: Agentes masculinos.

Socioeducanda: Interna, habitante da cadeia de papel. Somente usada para expressar formalidade ou se dirigir à gente da lei.

Teresa: Tecido enrolado. Pode ser usado para suicídio ou fuga.

Túnel: Estacionamento no centro da capital onde se comercializa e usa crack.

Toca: Esconderijo para a droga.

Trairagem: Deslealdade.

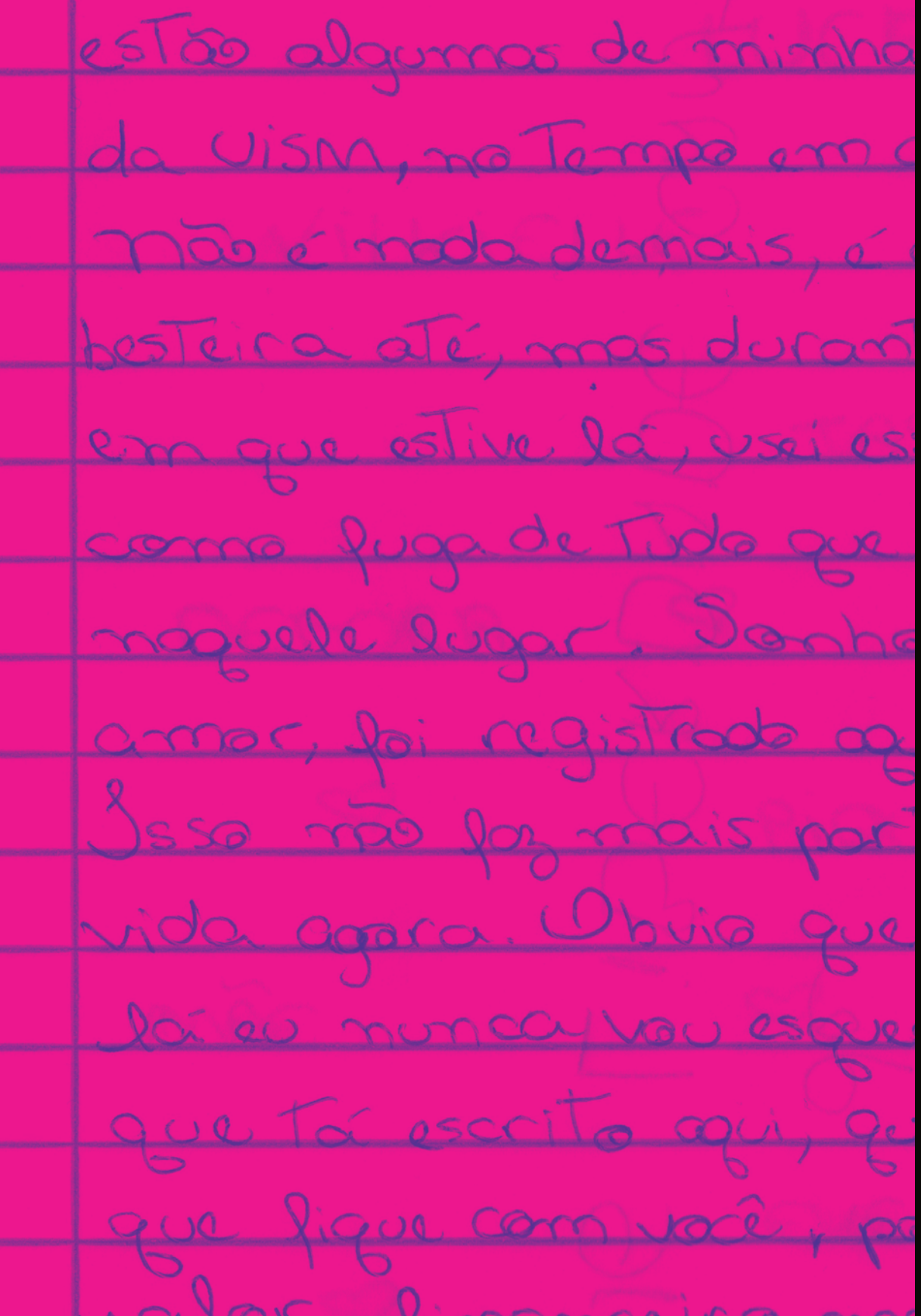
Unidade de internação: Cadeia de papel.

Visita: Qualquer pessoa registrada e autorizada a visitar a menina. A visita acontece, em geral, aos sábados. Casos especiais são nas terças-feiras.

Xernobiu: Café com leite.

Xepa: Comida entregue em prato de isopor individual. São entregues xepas para as meninas no pd ou quando há medida disciplinar.

Xerifa: Menina liderança no módulo. É uma considerada.



romper silêncios, para existir além dos barracos. Escrevíamos por amor, por desabafos, ou para buscarmos respostas. Eu também escrevia muito, meus catataus transitavam entre os módulos levando os recados de barraco em barraco. Lápis e canetas eram proibidos nos barracos. Precisávamos driblar a segurança ou escrever apressado no pouco tempo de banho de sol. Essa era a estratégia minha e de Talia para perpetuarmos os pensamentos em papéis. Escrever escondido nos levava ao castigo, mas mesmo o pior deles não nos faria parar de escrever. Ser proibida de escrever era já o pior castigo.

Ao longo da internação, os rostos levam um pouco mais de tempo para mudar, rostos novos são sempre curiosos. Foi essa mesma curiosidade que levou Talia a querer escrever para uma pesquisadora que começou a nos visitar com fidelidade. Não sabíamos seu nome, de onde vinha e muito menos o que queria. Ela nos olhava com vontade de quem quer histórias, de quem adoraria sentar nas nossas rodas no pátio e apenas ouvir. Ela se tornou nossa ponte para o mundo das letras. Não foi só Talia ou eu, mas outras meninas que se deixaram seduzir pela curiosidade que aquela mulher causava. Não demorou muito para ela se tornar para nós a Mãe das Letras da cadeia de papel e uma das maiores destinatárias das cartas que agora tornam Talia livre.

IASMIM BAIMA

Duas mulheres trocam cartas, e uma delas está presa em uma cadeia para adolescentes. Talia é o nome escolhido por uma adolescente de dezessete anos para assinar suas cartas à Debora Diniz, antropóloga que escolheu viver na cadeia para adolescentes da capital do país seguindo a rotina de um plantão da segurança. As cartas selecionadas descortinam o encontro, desvendam os segredos e as curiosidades mútuas e apresentam o passado de uma importante traficante de Brasília.

O certo é ler essas cartas como confissões sem destino certo. Talia escreve para os que sentem pena ou raiva do menino de rua, do trombadinha que surrupia a carteira, do menino do poste à espera da justiça da rua. Este é um livro de cartas só nas formas de escrita, pois o gênero é único: são perguntas do mundo para uma cronista que é sobrevivente das ruas e está atrás das grades.

O livro é urgente nesses tempos em que as cadeias crescem no país, em que se legisla a redução da maioridade penal que possibilita a prisão de mais gente e cada dia mais jovem. Talia foi presa pela primeira vez aos catorze anos, mas já perambulava pela rua desde os oito. Não teve escola ou conselho tutelar que a resgatasse da perdição do crime, do sexo por dinheiro ou da violência. Quando se tornou feroz, foi tempo de ser trancada em uma cela com direito a banho de sol contado e escola regrada.

letraslivres

DEBORA DINIZ & TALIA ◆ CARTAS DE UMA MENINA PRESA